



A cadeia produtiva da moda no Rio Grande do Sul: trajetória e tendências

1 Introdução

Este estudo tem como objetivo analisar a trajetória e as perspectivas da cadeia produtiva da moda, examinando o setor têxtil-vestuário do Rio Grande do Sul no período recente e buscando compreender as possibilidades de sua evolução. Esta análise coloca o foco sobre as relações entre o desempenho do setor e a incorporação de inovações produtivas e de mercado associadas à abordagem da economia criativa. Isso porque essa cadeia, por definição, apresenta uma conexão muito próxima com algumas das dimensões centrais dessa abordagem, especialmente a criatividade e a inovação. A partir da relação de grande parte dos seus produtos com a chamada indústria da moda, o produto final da cadeia têxtil-vestuário traz consigo, para além do seu valor utilitário, um valor simbólico, que incide de forma decisiva sobre o seu preço.

Nessa medida, qualquer análise da cadeia produtiva têxtil-vestuário precisa levar em conta as conexões entre os processos produtivos na cadeia e sua relação com processos criativos relacionados com o fenômeno da moda. Na literatura que trata do conceito de economia criativa, a maior parte dos modelos teóricos que vêm sendo construídos inclui a moda como uma parte integrante desse campo. Tanto no modelo mais difundido, o elaborado pelo Ministério da Cultura do Reino Unido (DCMS), quanto nos modelos dos “textos simbólicos” e dos “círculos concêntricos”, mais focados nas interconexões entre as dimensões da cultura e da economia, e no modelo da World Intellectual Property Organization (WIPO), mais focado nos temas dos direitos autorais, o universo da moda é considerado uma parte importante da economia criativa (UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME, 2010, p. 7).

O objetivo desta nota técnica, portanto, é o de analisar, a partir de um olhar que toma como base a abordagem da economia criativa, a situação, a trajetória e as tendências de mercado da cadeia têxtil-vestuário no Rio Grande do Sul. Para isso, foi realizado um estudo com os dados disponíveis sobre a cadeia têxtil-vestuário, a partir das estatísticas de evolução do emprego e do número de empresas do setor. Esse levantamento foi complementado por uma revisão bibliográfica de estudos sobre o tema, pesquisa em outras fontes secundárias, assim como por um apanhado de opiniões, propostas e projetos dos distintos atores, públicos e privados, nacionais e internacionais, relacionados com essa cadeia. Dessa forma, foi possível compor um panorama da dinâmica e de algumas das mais importantes tendências dos mercados local, nacional e global, de maneira a contribuir para a identificação de estratégias mais adequadas para o desenvolvimento e a qualificação da cadeia têxtil-vestuário no Rio Grande do Sul.

Do ponto de vista dos dados estatísticos, a base utilizada foi o Cadastro de Empresas (Cempre) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que permite a análise do número de empresas e de empregos do setor, proporcionando uma série histórica que permite compreender sua dinâmica recente e suas tendências. O número de empresas e de postos de trabalho, analisado nos marcos de uma



série temporal, constitui-se em uma *proxy* das tendências de crescimento e/ou queda nas atividades econômicas relacionadas com a cadeia¹. Essas tendências serão analisadas no contexto mais geral dos mercados nacional e internacional, a partir de um estudo de fontes secundárias, que sinalizam com as perspectivas futuras desse setor.

A abordagem da indústria da moda em termos de uma cadeia produtiva busca possibilitar a compreensão da dinâmica do setor como um todo. Isso porque podem ser identificadas as articulações entre os distintos processos, que envolvem desde o Setor Primário e a indústria petroquímica, que fornecem a matéria-prima, e passam por diversos outros setores de produção, comercialização e serviços, desde as atividades manufatureiras de base até chegar aos serviços avançados de distribuição e comercialização. São atividades que têm elevado grau de complementaridade, da qual depende boa parte do sucesso que o produto obtém no mercado. A cadeia têxtil-vestuário caracteriza-se por certas especificidades: “[...] heterogeneidade estrutural e tecnológica; segmentação produtiva; relações de subcontratação; bifurcação entre as atividades produtivas (materiais) e as funções corporativas (imateriais).” (RECH, 2006, *on-line*).

Esta abordagem da cadeia produtiva têxtil-vestuário toma como ponto de partida um conjunto de atividades selecionadas a partir da Classificação Nacional das Atividades Econômicas do IBGE (CNAE 2.0)². Estas permitem que sejam localizados aqueles setores que se constituem na espinha dorsal da cadeia produtiva. Para efeito desta análise, entendem-se por cadeia produtiva têxtil-vestuário as atividades de fiação e tecelagem, de confecções, do setor coureiro-calçadista e do comércio. Foram selecionadas 24 atividades desses quatro setores, as quais permitem uma aproximação segura com a dinâmica de funcionamento da cadeia, em uma série que vai de 2006 a 2018.

As limitações das fontes de dados impedem a incorporação na análise de alguns setores que também são relacionados com a cadeia têxtil-vestuário, mas que não fazem parte da base do Cempre. Por isso, não foram incorporadas à análise as atividades do Setor Primário que produzem a matéria-prima (fibras de origem vegetal e animal), relevantes no caso do RS, onde a ovinocultura tem uma presença significativa. Da mesma forma, ficam de fora as indústrias relacionadas com a produção de insumos e equipamentos (desde as máquinas até as tintas e corantes), para as quais as estatísticas disponíveis não segregam aquelas voltadas apenas para o setor têxtil-vestuário.

Além disso, a cadeia tem também alguns elos que fazem parte do setor de serviços, uma vez que se compõe também de todo um conjunto de instituições de ensino e pesquisa que formam mão de obra para o setor, tanto em nível médio (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai)) como em nível superior (cursos de *design* e moda das universidades). A esses se somam também atividades do campo da comunicação, composto por publicações especializadas no tema da moda, assim como todo um conjunto de prestadores de serviços que operam nos eventos relacionados com a indústria da moda. Entretanto essas ausências não comprometem a identificação da dinâmica mais ampla do setor, captada através da evolução da força de trabalho e das empresas que foram selecionadas, uma vez que os demais setores tendem a seguir a dinâmica mais geral das atividades incluídas na análise.

¹ Certamente existem outros indicadores que poderiam ser utilizados para esse fim, como dados acerca da produção física, Valor Adicionado Bruto (VAB), exportações. No entanto, para os objetivos deste trabalho, foi considerada suficiente a adoção desse indicador, que permite a geração de uma série histórica que possibilita fazer comparações entre a dinâmica de cada um dos vários setores que compõem a cadeia, assim como da sua evolução no Rio Grande do Sul, comparada com a dinâmica nacional e de outros estados.

² O Quadro A.1, no **Apêndice**, identifica as atividades que fizeram parte do levantamento.



A escolha da cadeia têxtil-vestuário como objeto de análise enquadra-se nos marcos de um programa mais geral de pesquisa relacionado com a economia criativa, desenvolvido pelo Departamento de Economia e Estatística (DEE), a partir de demandas da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac). Através disso, o DEE subsidia com dados, informações e pesquisas as ações do RS Criativo, um programa da Sedac, voltado para impulsionar a economia criativa no Rio Grande do Sul. A cadeia têxtil-vestuário, em particular os setores de confecções e o comércio, guarda uma relação direta com o universo da moda, que, por sua vez, se conecta com o campo da criatividade e da inovação. Através dessa abordagem de economia criativa, abre-se uma importante via de agregação de valor aos produtos da cadeia têxtil-vestuário. Nessa medida, a incorporação de estratégias relacionadas com a criatividade e a inovação pode permitir uma inserção mais favorável nos mercados nacional e internacional.

A opção por abordar a cadeia têxtil-vestuário tem a ver também com o fato de que ela ocupa um importante lugar na economia gaúcha. Sua atividade relaciona-se com um produto essencial, de consumo de massa, com um amplo mercado interno e internacional. Além disso, é uma atividade intensiva em mão de obra, portanto muito geradora de emprego, e é constituída por um grande número de pequenas e médias empresas com ampla capilaridade no território. Portanto, mesmo que faça parte de um setor tido como pouco dinâmico da indústria, o de bens de consumo não duráveis, e se caracterize por baixa intensidade tecnológica, ainda assim se constitui em um setor importante da economia do Rio Grande do Sul.

Neste estudo, o ponto de partida é uma caracterização da cadeia têxtil-vestuário no Brasil, de forma a estabelecer o contexto mais geral da análise. Em seguida, apresentam-se os dados da cadeia no Rio Grande do Sul, comparando suas características e evolução *vis-a-vis* o desempenho mais geral em relação aos demais estados e à dinâmica nacional. A seguir, é realizada uma análise da evolução de cada um dos setores que compõem a cadeia no período de 2006 a 2018, identificando as especificidades de cada um de seus setores. Por fim, apresenta-se um quadro das tendências dos mercados nacional e internacional, com o objetivo de identificar as perspectivas e as possibilidades de potencializar o desempenho do setor através de uma estratégia sintonizada com essas novas tendências.

2 A indústria da moda no Brasil

A cadeia têxtil-vestuário está nas origens do processo de industrialização brasileiro. É um setor industrial que tem quase 200 anos no País. O setor emergiu na década de 40 do século XIX, quando, a partir de capitais nacionais e equipamentos importados, surgiram as primeiras fábricas têxteis baseadas no processamento do algodão, voltadas para a produção de sacaria e tecidos para a confecção de roupas baratas para os escravos. Dos anos 40 até 1889, foram criadas 87 fábricas de produtos têxteis no País. No período da República Velha, esse processo se acelerou. Entre os anos de 1890 e 1919, foram fundados 1.124 estabelecimentos têxteis no Brasil, concentrados nos estados mais populosos, como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (VOGT, 2003).

Na virada do século XIX para o século XX, o setor têxtil foi o principal setor industrial da economia brasileira, tanto em valor de produção como em número de empregados. No início do século passado, o setor (incluindo produtos de algodão, juta, lã, seda e linho) empregava “[...] 34,2% dos trabalhadores da indústria de transformação, tinha 40,2% do total da força motriz instalada e 40,4% do total do capital investido”, conforme Suzigan (2000, p. 129). Segundo esse autor, essa posição preponderante foi mantida até o final da década de 30.



Hoje, segundo os dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil (ABIT), o Brasil tem uma posição importante no mercado internacional. Os dados apresentados pelo Monitor ABIT³ indicam que o País produziu, em 2018, 1,2 milhão de toneladas de produtos têxteis (fibras e tecidos) e teve uma produção de 8,9 bilhões de peças de confecção (vestuário mais meias e acessórios mais cama, mesa e banho). O Brasil é o quarto maior produtor mundial de artigos de vestuário e o quinto maior produtor de manufaturas têxteis (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO, 2019, p. 10).

Segundo a mesma fonte, a cadeia têxtil-vestuário é o segundo maior empregador da indústria de transformação, superada apenas pela de alimentos e bebidas. No Brasil, a cadeia têxtil-vestuário, da fiação ao varejo, gera mais de 2,5 milhões de postos de trabalho em mais de 385.000 unidades produtivas e de comercialização (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020). No setor calçadista, o Brasil produziu 908,2 milhões de pares de sapato em 2019, o que o coloca como o quarto maior produtor de calçados do mundo (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS, 2020). Para além desses números, a extensão e a capilaridade dessa cadeia ampliam sua importância. Mais ainda, o setor têxtil-vestuário é muito pouco dependente de insumos externos, tendo capacidade instalada em todos os elos da cadeia no País.

O Brasil é um dos poucos países em desenvolvimento que logrou internalizar todas as atividades do complexo têxtil, existindo uma grande diversidade de produtos e de atendimento a todos os segmentos de mercado. A internalização ocorreu desde a produção de insumos (fibras naturais e químicas) até a confecção de roupa propriamente dita. (SCHERER; CAMPOS, 1996, p. 188).

Nos diversos setores que compõem a cadeia da moda, dos quais foram selecionados para este estudo fiação e tecelagem, confecções, calçados e comércio, tem-se um conjunto de empresas de características distintas, especialmente no que diz respeito ao tamanho e à intensidade tecnológica. Como já foi mencionado, elos importantes dessa cadeia ficaram de fora em função das dificuldades de adequação das bases de dados disponíveis. No entanto, os quatro setores selecionados constituem-se no núcleo central da cadeia, e sua dinâmica muito provavelmente permite uma aproximação segura dos movimentos mais gerais do setor como um todo.

A heterogeneidade é uma característica da cadeia. Num conjunto em que predomina um grande número de micro e pequenas empresas, há também um certo número de grandes empresas, com capacidade competitiva de escala internacional. Em uma cadeia produtiva, na qual, em média, existem 6,7 postos de trabalho por unidade produtiva (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020), em geral empresas de base local, encontram-se conglomerados com mais de 20.000 empregados, atingindo mercados em mais de 90 países. Além da escala, as empresas das indústrias têxtil e do vestuário são bastante heterogêneas também do ponto de vista do seu funcionamento, apresentando muitas diferenças “[...] quanto às características dos produtos, processos produtivos e de seus mercados, resultando na existência de fatores de competitividade bastante diversificados” (SCHERER; CAMPOS, 1996, p. 184).

Além disso, há distinções também em relação às características de cada um dos elos da cadeia. Se, no setor de fiação, “[...] os fabricantes são poucos e intensivos em capital, o final da cadeia é composto por um número de pequenas e médias empresas, intensivas de mão de obra e, em sua grande maioria, de capital fechado de origem preponderantemente nacional” (VOGT, 2003, p. 44). Na confecção, predominam as micro e pequenas empresas. Essa heterogeneidade estrutural refere-se tanto ao porte das empresas quanto à intensidade tecnológica, refletindo-se também na maneira através da qual os distintos

³ Disponível em: <https://www.abit.org.br/uploads/arquivos/monitor%20julho%20.pdf>.



elos da cadeia se articulam. Particularmente no setor de confecções, a “[...] desverticalização foi uma das estratégias adotadas, com o uso da terceirização ou subcontratação de serviços visando à redução dos custos e a agilização produtiva” (RECH, 2008, p. 11).

Nessas empresas menores, mesmo com todo um incremento em termos de novos equipamentos e tecnologias característico do período mais recente, o trabalho ainda guarda características quase artesanais, o que faz com que a qualidade do produto dependa, em grande medida, da habilidade do trabalhador. Além disso, é possível identificar também a existência de uma parcela dessas empresas menores, especialmente entre aquelas que operam em regime de subcontratação, que operam em situação de extrema precariedade. Em alguns casos, particularmente no Estado de São Paulo, foram identificadas muitas situações em que as condições de trabalho foram caracterizadas pelo Ministério Público do Trabalho como situações análogas ao trabalho escravo (FERNANDES, 2019). Para além desses casos extremos, é possível afirmar que, entre as empresas menores, subsistem relações de trabalho de grande precariedade e mesmo de informalidade.

E no comércio, ainda que se possa identificar a presença de grandes grupos que ocupam uma fatia importante do mercado, também predominam numericamente as empresas menores. Os cinco maiores grupos do varejo de confecções no Brasil (Renner, C&A, Riachuelo, Lojas Marisa e Zara) respondem por 18,6% do total das vendas no País (OLIVEIRA, 2017, p. 8). A maior parte do mercado, portanto, concentra-se em um grande número de empresas de varejo de porte micro, pequeno e médio. E, paralelamente a essas, é possível identificar também uma forte atividade de comércio informal no setor de confecções, representada, principalmente, pela figura dos “sacoleiros”, que viajam de todo o Brasil para os centros comerciais mais importantes, notadamente a capital de São Paulo, para comprar roupas que serão revendidas em suas cidades de origem. Essa revenda ocorre tanto em empresas formais de pequeno porte como no mercado informal. Esse quadro dá conta da extrema heterogeneidade do setor, que vai do comércio informal a grandes grupos econômicos de operação internacional e com ações negociadas nas bolsas de valores.

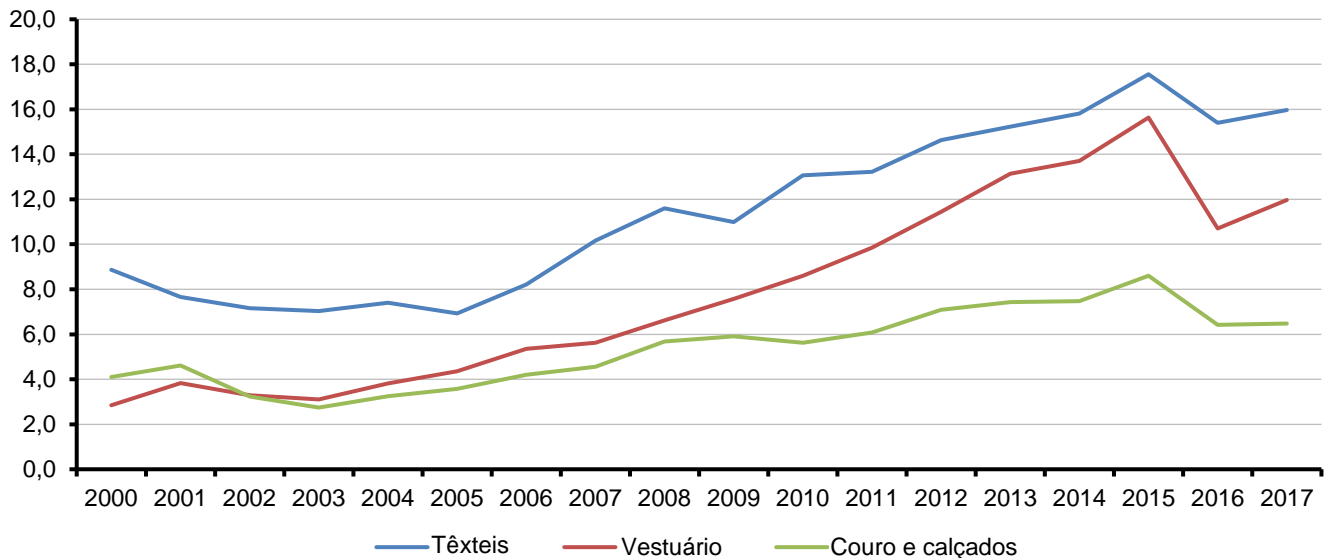
A partir da abertura econômica dos anos 90, essa cadeia passou a sofrer, de forma intensa, com a concorrência internacional. Produtos têxteis, confecções e calçados provenientes da China, da Índia e de outros países asiáticos passaram a ocupar fatias crescentes do mercado nacional (SANTORO; MERLO, 2012). Estudos mostram que 26% das empresas da cadeia têxtil-vestuário encerraram suas atividades entre 1990 e 1997. Esse impacto foi ainda mais intenso nos ramos de fiação (redução de 53%), tecelagem (queda de 52%) e beneficiamento (que teve uma redução de 53%) (LASCHUK; RUTHSCHILLING, 2014, p. 7).

No setor de confecções, apenas as importações provenientes da China cresceram de US\$ 54 milhões em 1990 para US\$ 169,4 milhões em 2000, chegando a US\$ 1.237,4 milhões em 2010 (COSTA; CONTE; CONTE, 2013, p. 35). Ainda assim, o setor foi capaz de resistir a essa concorrência, mantendo uma parcela significativa do mercado depois do impacto inicial da abertura comercial. Em estudo sobre a evolução industrial brasileira e gaúcha, com base nos dados das pesquisas industriais do IBGE, Contri (2021) aponta o crescimento da participação da oferta de produtos importados em alguns dos setores da cadeia da moda.



Gráfico 1

Participação das importações no total da oferta interna de produtos têxteis, de vestuário e calçados no Brasil — 2000-17



Fonte: Contri (2021).

Nota: Elaborado com dados do Sistema de Contas Nacionais do IBGE.

O impacto da concorrência internacional sobre a cadeia têxtil-vestuário pode ser dimensionado também pela balança comercial atual do setor. Segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (2019), em 2018, as exportações de produtos têxteis brasileiros somaram US\$ 2,6 bilhões ao passo que as importações foram de US\$ 5,7 bilhões, gerando um déficit de US\$ 3,1 bilhões. Ainda assim, as dimensões do mercado nacional e o forte enraizamento desse setor industrial no País apontam para possibilidades de um crescimento do setor através da adoção de estratégias que garantam uma maior competitividade da indústria nacional.

No entanto, a evolução recente sinaliza para uma redução do dinamismo do setor. Segundo a ABIT, o faturamento da cadeia têxtil e de confecção caiu de US\$ 52,2 bilhões em 2017 para US\$ 48,3 bilhões em 2018, e os investimentos caíram de US\$ 985 milhões em 2017 para US\$ 894 milhões no mesmo período. Essa perda de dinamismo reflete-se também na evolução do emprego. Entre 2006 e 2018, o crescimento do número de postos de trabalho formal na cadeia têxtil-vestuário foi de apenas 1,3%, enquanto o número total de postos de trabalho na economia cresceu 31,8%. A cadeia têxtil-vestuário, que correspondia a 6,5% do total de postos de trabalho em 2006, teve sua participação reduzida para 4,9% (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020).

Essa perda de dinamismo não se reflete apenas nos números relativos ao número de empresas e de postos de trabalho. A produção física dos setores industriais relacionados com a cadeia têxtil-vestuário também apresenta uma trajetória de queda no contexto mais geral da indústria nacional. Entre os anos de 2003 e 2020, as taxas de crescimento do volume da produção industrial nesses setores ficaram bem abaixo da média geral da indústria de transformação brasileira. Enquanto o conjunto da indústria manteve uma relativa estabilidade no período, os três setores industriais relacionados com a cadeia da moda tiveram desempenhos negativos.



Tabela 1

Taxas médias de crescimento da produção física da indústria, por atividades selecionadas, no Brasil — 2003-20

ATIVIDADES	TAXAS (%)
Indústria de transformação	0,2
Produtos têxteis	-3,0
Artigos do vestuário	-3,7
Artefatos de couro e calçados	-4,0

Fonte: Contri (2021).

Nota: Elaborado com dados da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE.

Ainda assim, é importante considerar que o Brasil se constitui em um mercado amplo, possui uma cadeia têxtil-vestuário complexa e bem-estruturada, que pode crescer, uma vez que seja capaz de agregar valor e ampliar sua competitividade. Segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (2019), o Brasil “[...] é a maior cadeia têxtil completa do ocidente”. Só o Brasil possui desde a produção de fibras (do algodão à lã, mas produzindo também fibras sintéticas) até os desfiles de modas, passando por fiações, tecelagens, beneficiadoras, confecções e uma grande e capilarizada rede de varejo. Além disso, o País é referência mundial em *design* de moda praia e na produção de jeans, *homewear* (roupas para usar em casa), *fitness* (vestimentas para a prática de esportes) e *lingerie*. O Brasil tem também uma rede de mais de 100 escolas e faculdades de moda que formam mão de obra qualificada, e existe todo um complexo comercial e de serviços relacionados à moda, que tem um peso significativo. A Semana de Moda de São Paulo, a maior do Brasil, está entre as cinco maiores do mundo.

A cadeia têxtil-vestuário no Brasil, considerando os setores de fiação e tecelagem, confecção, calçados e comercialização, é composta, hoje, de 385.902 unidades produtivas, que geram 2.599.039 postos de trabalho⁴. A Tabela 2 sintetiza os números e proporciona um quadro comparativo que permite uma visão de conjunto da cadeia. Esses dados mostram que a cadeia é composta por setores de perfil distinto em termos de seu tamanho e número de empregados por unidade produtiva.

Tabela 2

Número de unidades e de postos de trabalho da cadeia têxtil-vestuário no Brasil — 2018

DISCRIMINAÇÃO	UNIDADES		POSTOS DE TRABALHO		POSTOS POR UNIDADE
	Número	%	Número	%	
Fiação e tecelagem	10.908	2,8	248.474	9,5	22,8
Confecção	57.783	15,0	615.771	23,7	10,6
Calçados	27.337	7,1	391.988	15,1	14,3
Comércio	289.874	75,1	1342.806	51,6	4,6
TOTAL	385.902	100,0	2.559.039	100,0	6,7

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020).

⁴ Os dados utilizados, oriundos do Cadastro de Empresas do IBGE, referem-se, exclusivamente, aos postos de trabalho formais, com registro e carteira assinada.



Fiação e tecelagem é um setor mais concentrado, intensivo em capital, composto por unidades maiores, de perfil industrial. Os dois setores seguintes, o de confecção e o coureiro-calçadista, estão em uma situação intermediária, caracterizada também por um perfil industrial, porém menos intensivo em capital, onde convivem unidades menores e grandes empresas. Já o comércio é um setor muito mais fragmentado, composto por um maior número de empreendimentos e de postos de trabalho, com uma predominância de pequenas unidades empresariais. Esse setor é numericamente o maior e corresponde a três de cada quatro unidades locais e à metade dos postos de trabalho.

3 A cadeia têxtil-vestuário no RS, das origens aos dias atuais

A cadeia têxtil-vestuário está também na raiz da industrialização do Rio Grande do Sul. A indústria gaúcha surgiu, a partir do final do século XIX, fundamentalmente voltada para a produção de bens de consumo não duráveis, baseada no processamento dos produtos primários de origem colonial e voltada para o mercado interno no próprio Estado. Era uma indústria formada por pequenas unidades, com baixo volume de capital investido, de baixo nível tecnológico e estrutura quase artesanal. O setor têxtil, no entanto, diferenciava-se desse padrão, “[...] já que apresentava empresas com capital investido bem acima da média e que destinavam grande parte da produção para mercados extrarregionais (REICHEL, 1978, p. 257). As primeiras grandes unidades industriais do RS foram a Rheinganz, em Rio Grande (1874), a Cia. de Fiação e Tecidos Porto Alegre e a Cia. Fabril Porto Alegrense (ambas de 1891) e a Cia. de Tecelagem Ítalo-Brasileira, em Rio Grande (1906).

A dinâmica de industrialização foi favorecida pela conjuntura da Primeira Guerra Mundial (1914-18), que, tendo restringido o comércio internacional, abriu uma janela de oportunidade para a consolidação da cadeia têxtil-vestuário no Brasil e no Rio Grande do Sul. O mercado local, relativamente protegido pela pouca integração com os mercados nacionais, garantiu um período de crescimento contínuo do setor têxtil-vestuário gaúcho nas décadas seguintes. No entanto, do final da primeira década do século até os anos 30, a crescente integração da economia gaúcha ao mercado nacional passou a submeter o setor têxtil local à concorrência das empresas do centro do País.

A cadeia têxtil-vestuário também apresentava uma relação muito forte com o Setor Primário, a partir da utilização da lã como matéria-prima. Apenas as maiores empresas, que tinham uma relação mais intensa com o mercado nacional, costumavam importar algodão de outros estados para produzir tecidos, uma vez que essa matéria-prima não era produzida no Rio Grande do Sul. No entanto, especialmente no que dizia respeito à produção para o mercado local, a lã tendia a ser a matéria-prima predominante. Além da abundância da matéria-prima disponível, com a difusão da ovinocultura na região do bioma Pampa, as características específicas do clima no Estado determinaram esse padrão produtivo.

Essa característica, por sua vez, estabeleceu um dos limites históricos do setor no Rio Grande do Sul, relacionado com o clima e com sua base produtiva. Sendo um estado meridional, com especificidades que passam por um contraste climático com a maior parte do País, a indústria têxtil-vestuário do Estado teve como sua matéria-prima original a lã e voltou-se para a produção de artigos de vestuário de inverno. Esses produtos não têm mercado na maior parte do Brasil, cujo clima não demanda esse tipo de produto. Portanto, para além das dimensões de logística, que afetavam os custos de transporte para atingir os mercados do centro e do norte do País, o tipo de produto predominante tampouco tinha mercado. Assim, quando, a partir dos anos 30 do século passado, se assistiu a uma integração maior do mercado nacional,



ampliando as possibilidades da indústria, uma parte relevante da indústria local não foi capaz de se beneficiar das possibilidades de ampliação da escala de produção.

Entre os anos 30 e os 90, a economia brasileira assistiu a um processo de crescimento, diversificação e concentração da produção industrial. A consolidação de um mercado nacional propiciou que os ganhos de escala obtidos gerassem um crescimento da indústria, mas também levou a uma concentração da produção na Região Sudeste, principalmente em São Paulo. Com o processo de diversificação da economia, a cadeia têxtil-vestuário tendeu a perder espaço no conjunto da indústria brasileira, suplantada por outros setores mais dinâmicos. E a concentração industrial, propiciada pelos ganhos de escala, tendeu a tornar a posição da indústria do Rio Grande do Sul ainda mais frágil frente à concorrência nacional.

A abertura econômica dos anos 90 provocou um grande impacto sobre a cadeia têxtil-vestuário do Rio Grande do Sul. Esse impacto deu-se, em primeiro lugar, do ponto de vista concorrencial, uma vez que roupas e calçados produzidos em outros países passaram a acessar o mercado nacional a preços muito competitivos. No entanto, também é importante considerar o impacto da concorrência com relação ao acesso aos mercados internacionais, nos setores em que o Estado tinha capacidade de exportação. Isso foi particularmente significativo para o setor calçadista gaúcho, que sofreu também pelo deslocamento de uma parte significativa das suas vendas, que foram prejudicadas pela concorrência de produtos mais baratos de países do extremo oriente (SILVESTRIN; TRICHES, 2007).

A cadeia têxtil-vestuário do Rio Grande do Sul caracteriza-se por ser menos diversificada e verticalizada do que o conjunto da indústria nacional. O setor de fiação tem menos peso, e há uma maior presença relativa do setor de malharias, particularmente aquelas voltadas para a produção de roupas para os climas frios. No setor de calçados, o RS é um dos principais polos da produção nacional. Destacam-se também a produção de confecções masculinas e uma forte presença da confecção de *jeans*. Sua distribuição regional ocorre na forma de *clusters*, como o dos calçados no Vale do Sinos, da malharia na região da Serra Gaúcha e o de *jeans* no norte do Estado (SCHERER; CAMPOS, 1996, p. 192-193).

Segundo dados de 2018 do Cadastro de Empresas do IBGE, a cadeia produtiva do vestuário no Rio Grande do Sul é composta por 32.494 unidades, que geram 238.002 postos de trabalho formais e distribuem R\$ 4,8 bilhões ao ano em salários e remunerações (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020). A média salarial dos trabalhadores na cadeia têxtil-vestuário do RS é de R\$ 1.548,60, um valor que fica abaixo da média geral de remuneração dos trabalhadores assalariados do Estado, que é de R\$ 2.438,10. Esse contingente representa 7,3% do total de unidades produtivas existentes no Estado e 7,1% do total de postos de trabalho com carteira assinada.

Do ponto de vista dos postos de trabalho, a esse contingente somam-se mais 83.058 profissionais que atuam como microempreendedores individuais (MEI)⁵. Essa modalidade de registro, em alguma medida, expressa o peso da informalidade do mercado de trabalho, uma vez que esse instrumento permite a regularização de um trabalhador cuja relação de trabalho não se dá nos marcos dos contratos de trabalho formal. Isso porque, ainda que o estatuto de MEI seja formalizado do ponto de vista das contribuições previdenciárias e da inserção no mercado de crédito, a sua relação de trabalho não tem vínculos de emprego efetivo nem qualquer direito trabalhista, estabelecendo uma condição de precariedade análoga à do trabalho informal. Essa precariedade expressa-se tanto na situação daqueles microempreendedores que são subcontratados pelas empresas como, mais ainda, para aqueles que atuam de forma efetivamente independente nas atividades tanto industriais como comerciais.

⁵ Disponível em: <http://www.portaldoempreendedor.gov.br/estatisticas>.



Os MEIs da cadeia têxtil-vestuário concentram-se sobretudo na área do comércio, que totaliza 64.204 indivíduos, ou 77,3% das MEIs dos quatro setores analisados. No comércio, o montante de microempreendedores individuais equivale a 71% do total de vínculos formais. Uma parte significativa destes microempreendedores individuais provavelmente corresponde àquele contingente relacionado ao comércio informal — os chamados “sacoleiros”, que viajam aos centros nacionais de comércio de confecções para comprar produtos para revenda em seus locais de origem. Outro setor onde há um contingente significativo de MEIs é o da área de confecção, que soma 12.088 (14,5% das MEI). Nesse caso, os microempreendedores individuais representam um montante equivalente a quase metade (49,2%) dos vínculos formais existentes. Esses microempreendedores individuais resultam dos processos de terceirização e subcontratação no setor de confecção. Já na indústria de calçados e no setor de fiação e tecelagem, o peso dos MEIs é menos expressivo.

As dimensões quantitativas de unidades produtivas e de postos de trabalho de cada elo da cadeia têxtil-vestuário do Rio Grande do Sul podem ser visualizadas na Tabela 3.

Tabela 3

Número de unidades, postos de trabalho e média salarial da cadeia têxtil-vestuário no Rio Grande do Sul — 2018

DISCRIMINAÇÃO	UNIDADES		POSTOS DE TRABALHO		POSTOS POR UNIDADE	MÉDIA SALARIAL (R\$)
	Número	%	Número	%		
Fiação e tecelagem	736	2,3	9.721	4,1	13,2	2.161,70
Confecção	2.931	9,0	24.544	10,3	8,4	1.301,60
Calçados	3.981	12,3	106.667	44,8	26,7	1.808,90
Comércio	24.846	76,4	97.070	40,8	3,9	1.263,60
TOTAL	32.494	100,0	238.002	100,0	7,3	1.548,60

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020).

A Tabela 3 mostra que há uma grande heterogeneidade nos distintos elos da cadeia, tanto do ponto de vista de seu peso quantitativo quanto das suas características. O setor de fiação e tecelagem é o menor do ponto de vista quantitativo, representando apenas uma pequena parte do número geral de empreendimentos (cerca de 2%) e do número de postos de trabalho gerados (pouco mais de 4%). Porém é o setor que tem uma característica mais industrial, com um número médio de empregados mais alto por unidade, apresentando também uma média salarial mais alta que os demais.

Do ponto de vista da dinâmica interna da cadeia têxtil-vestuário, o setor de fiação e tecelagem sofre o impacto da concorrência internacional de maneira específica. Com a abertura econômica dos anos 90, o setor de confecção frequentemente tem optado pela aquisição de matéria-prima no mercado internacional, capaz de fornecer os tecidos a preços mais competitivos. Essas tensões internas no âmbito da cadeia produtiva revelam contradições inerentes à dinâmica do mercado, que, muitas vezes, gera interesses opostos entre os próprios elos da cadeia.

O setor que gera o maior número de postos de trabalho é o coureiro-calçadista, que também se caracteriza por um perfil mais industrial, sendo composto por um número menor de unidades fabris de maior dimensão, com uma média de mais de 26 empregados. Esse setor tem quase metade do total de postos de trabalho da cadeia empregados em pouco mais de 10% dos empreendimentos. Os salários também se situam acima da média da cadeia como um todo.



O setor de calçados do Rio Grande do Sul tem um peso grande no contexto nacional. O polo calçadista gaúcho foi responsável por 22,1% da produção nacional em 2019, tendo fabricado mais de 200 milhões de pares de calçados nesse ano (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS, 2020, p. 19). Além disso, é importante notar que, no Ceará — que, no mesmo ano, foi responsável por 26,5% da produção nacional, com mais de 240 milhões de pares —, também são empresas com origem no Rio Grande do Sul as responsáveis por uma parte significativa dessa produção. Do ponto de vista territorial, o setor calçadista gaúcho tem sua produção concentrada no Vale do Rio dos Sinos (45,1%) e no Vale do Paranhana (21,0%).

O setor de confecções situa-se em uma posição intermediária. É maior em número de unidades produtivas e de postos de trabalho do que o de fiação e tecelagem, mas, mesmo tendo um número de unidades produtivas próximo do coureiro-calçadista, gera cerca de um quarto dos postos de trabalho em relação ao mesmo. Seu peso percentual, em termos do número de empregados, é muito próximo do seu peso em termos do número de unidades produtivas envolvidas. E o número médio de empregados situa-se em uma posição intermediária entre a fragmentação do comércio e as características mais nitidamente industriais do setor coureiro-calçadista. Os salários no setor de confecção são inferiores à média do conjunto da cadeia.

O setor do comércio é o maior do ponto de vista do número de unidades empresariais, representando quase três quartos dos empreendimentos, mas gera uma quantidade de postos de trabalho semelhante ao do complexo coureiro-calçadista. É um setor que se caracteriza por ser mais fragmentado, sendo formado por um grande número de pequenas unidades, que têm, em média, menos de quatro empregados, com a média salarial mais baixa de todas. Ao mesmo tempo, também, nesse setor, há a presença de um pequeno número de empresas grandes, mais capitalizadas e operando em escala nacional e mesmo internacional.

Da mesma forma com que se podem perceber tensões na relação comercial entre o setor de fiação e tecelagem e o de confecções, a relação entre o setor comercial e o setor de confecções também revela interesses opostos. De um lado, a abertura econômica, a partir dos anos 90, abriu um espaço para uma presença crescente de produtos de confecções vindo de outros países. Tanto nas grandes redes de varejo como nas empresas comerciais menores a presença de confecções importadas foi crescente no período estudado. De outro, essa contradição expressa-se no plano nacional, com os varejistas locais comprando produtos de outros estados. Essa situação dá conta da ambiguidade inerente à ideia de cadeia produtiva, na medida em que ela estabelece, ao mesmo tempo, relações de interdependência e de concorrência entre os atores econômicos da cadeia.

A cadeia têxtil-vestuário tem um peso significativo na economia do Rio Grande do Sul. Os postos de trabalho gerados nessa cadeia representam 7,1% do total dos postos de trabalho formais do Estado, e a quantidade de unidades produtivas representa 7,3% do total de unidades produtivas do Rio Grande do Sul. Outra característica significativa da cadeia têxtil-vestuário no Rio Grande do Sul é uma relativamente baixa integração entre os seus diversos elos, especialmente no que diz respeito à relação entre o comércio e os produtores locais. Estudo recente realizado pela Federação das Associações Comerciais do RS em relação ao setor indica que apenas 16,6% dos comerciantes realizam todas as suas compras de fornecedores locais, ao que se pode somar 9,4% deles que realizam mais da metade de suas compras com empresas locais. Enquanto 14% dos comerciantes de produtos de confecção não compram nada, e 60% compram no máximo 50% dos produtos que vendem de fornecedores locais⁶.

⁶ Disponível em: <https://pt.slideshare.net/Fecomercio-RS/sondagem-de-segmento-vesturio-janeiro-2018>.



No contexto nacional, a cadeia produtiva têxtil-vestuário do Rio Grande do Sul representa 9,1% do total de postos de emprego, assim como 8,5% do total de empreendimentos dessa cadeia no Brasil. Uma comparação com os dados da cadeia em outros estados do País permite visualizar de maneira mais nítida a posição do RS no contexto mais geral da cadeia têxtil-vestuário nacional. Para isso, foram selecionados alguns dos estados que têm relevância nessa cadeia. A Tabela 4 sintetiza os dados que permitem visualizar de forma mais nítida a dimensão da cadeia produtiva têxtil-vestuário do Rio Grande do Sul no contexto nacional.

Tabela 4

Número de unidades e de postos de trabalho da cadeia têxtil-vestuário em estados selecionados — 2018

ESTADOS	UNIDADES	POSTOS DE TRABALHO	POSTOS POR UNIDADE	MÉDIA SALARIAL (R\$)
Rio Grande do Sul	32.494	238.002	7,3	1.548
São Paulo	97.344	658.021	6,7	1.711
Santa Catarina	29.065	254.567	8,7	1.725
Ceará	13.284	161.919	12,2	1.152
Pernambuco	13.369	77.477	5,7	1.035
Total do Brasil	385.902	2.599.039	6,7	1.382

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020).

O peso da cadeia produtiva gaúcha têxtil-vestuário no contexto nacional também pode ser medido pela presença de grupos empresariais do Estado nos *rankings* relativos às maiores empresas do setor. Um exemplo é o “Empresas Mais”, um levantamento anual realizado pelo jornal Estado de São Paulo, em parceria com a Austin Ratings e a Fundação Instituto de Administração, que toma como base os dados financeiros (receita, ativos, Ebitda), assim como dados relativos à governança corporativa e à inovação, de maneira a avaliar o desempenho das empresas (ESTADÃO, 2019). Esse levantamento, que analisa dados de 24.000 empresas no Brasil, estabelece um *ranking* global e setorial do desempenho. No *ranking* global, entre os 100 melhores desempenhos, há três empresas com origem do RS: a Beira Rio (posição 3), a Renner (posição 13) e a Grendene (posição 41) (ESTADÃO, 2019).

No *ranking* específico do setor industrial têxtil-vestuário, entre as 10 empresas com melhor desempenho, três companhias são gaúchas: a Beira Rio (posição 1), a Grendene (posição 3) e a Fitesa (posição 10). Nesse *ranking*, pode-se identificar o peso da cadeia têxtil-vestuário gaúcha no contexto nacional, assim como a distribuição das maiores empresas no território nacional. Entre os 10 melhores desempenhos, há quatro empresas com origem na Região Sul (três do RS e uma de SC), três da Região Sudeste (duas de São Paulo e uma de Minas Gerais) e três da Região Nordeste (duas do Ceará e uma do Rio Grande do Norte).

Nesse mesmo *ranking*, uma particularidade revela o processo de realocação industrial como estratégia empresarial operada pelos grandes grupos econômicos. O grupo Grendene, com origem no Município de Farroupilha, no Rio Grande do Sul, tem hoje a maior parte de suas plantas industriais situadas no Ceará. Sua mudança, que se iniciou durante os anos 90, visava aproveitar os benefícios fiscais e os menores custos de mão de obra disponíveis naquele estado, o que faz com que o grupo tenha hoje essa condição híbrida do ponto de vista de seus vínculos com o território — sua base encontra-se no Rio



Grande do Sul, mas a maior parte de suas operações localiza-se na Região Nordeste. Esse tipo de estratégia foi reproduzido por outras empresas do ramo calçadista.

Essa dinâmica aponta para a complexidade das relações entre as empresas, enquanto empreendimentos privados voltados para a maximização de seus resultados, e o território de onde elas se originam. Os interesses e as estratégias das empresas nem sempre são convergentes com as perspectivas do desenvolvimento local nos territórios onde elas se originam. As políticas governamentais de subsídios e incentivos fiscais, materializadas no fenômeno conhecido como “guerra fiscal”, incidem, de forma determinante, sobre decisões de localização de investimentos. E, no caso do Rio Grande do Sul, o setor calçadista foi particularmente influenciado pelas políticas de incentivos implementadas pelos estados da Região Nordeste. Esses incentivos, somados ao diferencial do custo da mão de obra local, foram decisivos em inúmeros casos de instalação de empresas gaúchas em outros estados.

Esse levantamento dos maiores grupos econômicos representa uma evidência empírica da heterogeneidade da cadeia produtiva têxtil-vestuário. Nesse contexto, em que predomina um grande número de empresas pequenas, com uma média de pouco mais de sete postos de trabalho por unidade, existem empresas de porte grande e operações em mercados internacionais. Tanto no setor calçadista como no de confecções, assim como no varejo, existem inúmeros casos de grandes grupos econômicos, alguns deles de capital aberto, que são altamente capitalizados e atuantes nos mercados nacional e internacional. Esses grupos, por sua dimensão e escopo, tendem a ser mais tecnicamente atualizados, incorporando *design*, planejamento, comunicação, estratégias de *marketing* e de inserção ativa nos mercados internacionais.

4 Trajetória recente da cadeia têxtil-vestuário

No período analisado (2006-18), a cadeia têxtil-vestuário foi perdendo peso na economia nacional. Do ponto de vista do número de unidades produtivas, enquanto a economia do Brasil como um todo assistiu a um crescimento de 17,5%, a cadeia têxtil-vestuário apresentou uma queda de 13,7%. A cadeia representava 9,6% do total de unidades produtivas do País em 2006, recuando para 7,1% em 2018. Do ponto de vista do número de postos de trabalho, a evolução é semelhante, ainda que menos intensa: enquanto o número de empregos formais na economia cresceu 31,8% no período analisado, o número de postos de trabalho na cadeia têxtil-vestuário teve um crescimento de apenas 1,3%. Os postos de trabalho nessa cadeia representavam 6,5% do total em 2006, caindo para 5,0% em 2018.

Esse contexto de perda de importância é ainda mais acentuado na cadeia têxtil-vestuário do Rio Grande do Sul, onde a queda em termos de unidades produtivas foi de 29,2%, mais do que o dobro do ritmo de queda nacional. Em termos de postos de trabalho, a queda também foi mais intensa do que a nacional, com a cadeia perdendo 47.406 postos de trabalho, uma redução de 16,6%, enquanto o emprego na cadeia no Brasil como um todo cresceu 1,3%. Em termos do número de unidades produtivas, entre 2006 e 2018, o RS viu a eliminação de 13.553 unidades.

Houve uma perda relativa da participação da cadeia têxtil-vestuário gaúcha no contexto nacional, mas também uma queda do seu peso na economia do RS, ainda que de forma mais branda. Em 2006, a cadeia têxtil-vestuário representava 10,4% das unidades produtivas do Estado e 9,8% dos postos de trabalho. Esses índices caíram, respectivamente, para 7,2% das unidades e 7,1% da força de trabalho. Isso mostra que cadeia têxtil-vestuário tem um peso e uma importância um pouco maior para a economia do Estado do que em nível nacional.



A queda da importância da cadeia têxtil-vestuário no RS foi comparativamente um pouco menos intensa do que no resto do País, uma vez que o conjunto dos postos de trabalho formais no RS cresceu menos do que no País. Entre 2006 e 2018, houve um crescimento do emprego formal no RS de 15,6%, a metade do aumento acumulado no agregado nacional. A queda do número de postos de trabalho da cadeia têxtil-vestuário no RS, portanto, deu-se no contexto de uma economia que cresceu menos do que o conjunto do País. Assim, se a perda de postos de trabalho foi mais intensa do que a média do País, a cadeia manteve ainda um considerável peso relativo na economia estadual.

Essa evolução dos números de empreendimentos e de empregos na cadeia têxtil-vestuário em termos nacionais, quando analisada em seu conjunto, encobre significativas diferenças regionais. O crescimento de 1,3% do número de postos de trabalho representa uma média na qual se incluem a queda de 16,4% no RS, assim como o crescimento em alguns estados. Essa evolução desigual do emprego e dos empreendimentos em distintas regiões do País está sintetizada nas Tabelas 5 e 6.

Tabela 5

Evolução do número de postos de trabalho da cadeia têxtil-vestuário em estados selecionados — 2018/2006

ESTADOS	POSTOS DE TRABALHO			VARIAÇÃO %
	2006	2018	Saldo	
Rio Grande do Sul	285.408	238.002	-47.406	-16,6
São Paulo	707.011	658.021	-48.990	-6,9
Minas Gerais	295.665	277.486	-18.176	-6,1
Santa Catarina	223.059	254.567	31.508	14,1
Ceará	143.794	161.919	18.125	12,6
Pernambuco	64.852	77.477	12.625	19,4
Goiás	67.710	75.410	7.700	11,4
Total do Brasil	2.565.465	2.599.039	33.574	1,3

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020).

Os dados mostram que a evolução da cadeia têxtil-vestuário no País é, portanto, desigual, combinando tendências de queda em algumas regiões com crescimento significativo em outras. Ainda assim, os estados que apresentaram uma elevação do emprego no período estudado não lograram alcançar o ritmo médio do crescimento do conjunto dos trabalhadores formais, que foi da ordem de 30%, o que confirma a percepção de que a cadeia como um todo perde espaço na economia nacional. Do ponto de vista do número de unidades produtivas, o que se viu foi uma redução generalizada, mesmo naqueles estados onde houve crescimento dos postos de trabalho. A Tabela 6 sintetiza essa evolução.

Os dados da Tabela 6 indicam que, independentemente da dinâmica de crescimento ou de redução da cadeia têxtil-vestuário que ocorre nos distintos estados da Federação, está em curso também um processo de concentração produtiva, uma vez que a queda no número de unidades é sempre maior do que a evolução em termos de postos de trabalho gerados. O caso do Ceará é um exemplo paradigmático dessa tendência, uma vez que a queda de mais de 25% do número de unidades produtivas é acompanhada de um crescimento de mais de 12% em número de postos de trabalho.



Tabela 6

Evolução do número de unidades produtivas na cadeia têxtil-vestuário em estados selecionados — 2018/2006

ESTADOS	UNIDADES PRODUTIVAS			VARIÇÃO %
	2006	2018	Saldo	
Rio Grande do Sul	46.413	32.902	-13.511	-29,1
São Paulo	117.082	97.344	19.738	-16,8
Minas Gerais	57.013	46.074	-10.939	-19,2
Santa Catarina	29.858	29.065	-797	-2,6
Goiás	16.295	15.405	-890	-5,8
Ceará	17.793	13.284	-4.509	-25,3
Pernambuco	13.699	13.369	-330	-2,4
Total do Brasil	447.294	385.902	61.392	-13,7

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020).

Do ponto de vista dos distintos setores que a compõe, a dinâmica de crescimento e/ou queda do número de postos de trabalho na cadeia têxtil-vestuário também se revela bastante desigual. A Tabela 7 evidencia que o pequeno crescimento identificado na cadeia têxtil-vestuário se concentrou sobretudo nas atividades comerciais. Na medida em que as atividades comerciais representam mais da metade dos empregos na cadeia, seu crescimento líquido de 222.621 postos de trabalho compensou a queda forte identificada nos demais. As quedas mais intensas foram no setor calçadista, com uma perda de 91.362 empregos, e no setor de fiação e tecelagem, que perdeu 55.362.

Tabela 7

Evolução do número de postos de trabalho nos setores da cadeia têxtil-vestuário do Brasil — 2006-2018

ESTADO	2006	2008	2010	2012	2014	2016	2018	VARIÇÃO 2018/2006 (%)
Fiação e tecelagem	303.836	311.166	319.266	305.247	297.436	249.126	248.474	-18,2
Confecção	657.921	742.147	821.787	803.082	777.791	663.015	615.771	-6,4
Couro e calçados ...	435.479	424.613	462.397	431.555	396.882	366.215	343.944	-21,0
Comércio	1.168.229	1.348.086	1.550.137	1.627.317	1.627.005	1.441.754	1.390.850	19,0
Total do Brasil	2.565.465	2.862.012	3.153.587	3.167.201	3.100.014	2.720.110	2.599.039	1,3

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020).

Em comum a todos estes setores, é possível identificar uma tendência geral de crescimento entre 2006 e 2010 e uma queda intensa a partir de então. Essa dinâmica conjuntural expressa-se também em termos do número de unidades produtivas na cadeia têxtil-vestuário do Brasil. Nesse caso, mesmo que as perdas em termos do número de unidades sejam ainda mais intensas do que a variação do número de postos de trabalho, aqui também se assistiu a um momento de crescimento seguido de uma tendência de queda acentuada. A Tabela 8 sintetiza essa evolução.



Tabela 8

Evolução do número de unidades produtivas nos setores da cadeia têxtil-vestuário do Brasil — 2006-2018

ESTADO	2006	2008	2010	2012	2014	2016	2018	VARIAÇÃO 2018/2006 (%)
Fiação e tecelagem	12.571	13.384	14.186	13.790	12.926	11.871	10.908	-13,2
Confecção	72.890	76.525	84.457	81.732	75.419	66.567	57.783	-20,7
Couro e calçados ...	19.596	19.939	19.821	18.669	19.996	14.698	12.302	-37,2
Comércio	342.237	375.862	417.179	403.124	375.935	341.082	304.909	-10,9
Total do Brasil	447.294	485.710	535.643	517.335	481.276	434.218	385.902	-13,7

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020).

Via de regra, a queda em termos do número de unidades foi maior do que a queda no número de postos de trabalho, indicando uma tendência de concentração do mercado. Com exceção do setor de fiação e tecelagem, essa foi uma tendência nítida nos outros três setores. Novamente, pode-se perceber que a evolução dos distintos setores que compõem a cadeia têxtil-vestuário apresenta variações. O setor de confecção e o setor calçadista foram afetados de maneira mais intensa, enquanto fiação e tecelagem e comércio tiveram uma queda menos intensa.

No Rio Grande do Sul, a evolução foi semelhante à do quadro nacional, tanto no que diz respeito ao número de unidades produtivas, como no que se relaciona com o número de postos de trabalho. Assim como em nível nacional, houve uma redução mais intensa no número de unidades produtivas do que no número de postos de trabalho, mas a dinâmica de crescimento no final da primeira década do século, seguida de uma queda muito intensa a partir de 2010, repetiu-se. A Tabela 9 mostra a evolução dos postos de trabalho na cadeia têxtil-vestuário do Rio Grande do Sul durante o período analisado, que se deu de uma maneira levemente distinta da evolução da cadeia em nível nacional.

Tabela 9

Evolução do número de postos de trabalho nos setores da cadeia têxtil-vestuário do Rio Grande do Sul — 2006-2018

ESTADO	2006	2008	2010	2012	2014	2016	2018	VARIAÇÃO 2018/2006 (%)
Fiação e tecelagem	9.624	10.416	11.197	11.721	11.234	10.401	9.721	1,0
Confecção	26.687	30.166	33.023	30.530	30.007	26.775	24.544	-8,0
Couro e calçados ...	165.646	147.331	153.313	141.174	127.681	117.971	106.667	-35,6
Comércio	83.451	98.558	111.331	114.414	112.601	101.799	97.070	16,3
Total do RS	285.408	286.471	308.864	297.839	281.523	256.946	238.002	-16,6

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020).

Os efeitos de conjuntura atingiram de modo desigual os distintos setores da cadeia. A queda mais intensa ocorreu no setor coureiro-calçadista, que perdeu mais de um terço dos postos de trabalho no período analisado. A indústria calçadista do RS inclusive apresentou uma distinção em relação à dinâmica do Brasil em seu conjunto, na medida em que sequer reproduziu a tendência geral de crescimento de todos os outros setores no período 2006-10. Sua queda foi mais intensa e constante desde 2006. Já os setores de fiação e tecelagem e, principalmente, o comércio apresentaram crescimento no período. De modo geral, o quadro comparativo mostra um menor dinamismo nos setores industriais da cadeia têxtil-



vestuário no Rio Grande do Sul, com um crescimento baixo ou negativo, enquanto as atividades comerciais tiveram crescimento do número de postos de trabalho.

Do ponto de vista do número de unidades produtivas, a evolução no período estudado reproduziu a tendência nacional de queda mais intensa do que a queda em termos de postos de trabalho. Mesmo em alguns dos setores que apresentaram um crescimento no número de postos de trabalho, esse crescimento deu-se em paralelo com a redução do número de unidades. Além disso, em alguns dos setores que compõem a cadeia, sequer se assistiu a uma tendência de crescimento nos anos iniciais da série de dados disponíveis. A Tabela 10 mostra essa evolução.

Tabela 10

Evolução do número de unidades produtivas nos setores da cadeia têxtil-vestuário do Rio Grande do Sul — 2006-2018

ESTADO	2006	2008	2010	2012	2014	2016	2018	VARIAÇÃO 2018/2006 (%)
Fiação e tecelagem	1.071	983	1.072	978	883	839	736	-31,2
Confecção	5.253	5.061	5.239	4.918	4.374	3.921	2.931	-44,2
Couro e calçados ...	6.845	6.773	6700	6.389	5.799	4.901	3.981	-41,8
Comércio	33.224	35.292	37.533	34.410	33.041	28.333	24.846	-25,2
Total do RS	46.459	48.232	50.665	46.759	42.145	38.051	32.902	-29,2

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020).

Em termos do número de unidades, o setor coureiro-calçadista é o que vive uma situação mais crítica, uma vez que apresentou uma queda constante durante todo o período estudado. Novamente, os setores de fiação e tecelagem e de comércio apresentam uma queda relativamente menor do número de unidades produtivas, o que reafirma o fato de que as tendências da conjuntura se manifestam de maneira desigual em cada um dos setores que compõem a cadeia produtiva.

De modo geral, essa evolução setorial da cadeia produtiva têxtil-vestuário no Rio Grande do Sul pode ser sintetizada da seguinte forma: (a) o setor de fiação e tecelagem apresentou um pequeno crescimento no decorrer do período analisado, em termos de emprego, e uma queda abaixo da média nacional do setor em termos do número de unidades, o que significou uma evolução moderadamente positiva; (b) o setor de confecção teve uma pequena queda em termos do número de postos de trabalho e uma queda intensa no número de unidades, sendo, portanto, um setor que sofreu uma leve redução e uma concentração; (c) o setor coureiro-calçadista apresentou uma queda significativa, tanto em termos do número de unidades como do número de postos de trabalho, representando uma queda constante em ambas as métricas desde o início do período estudado; e (d) o setor comercial foi o que apresentou o crescimento mais significativo em termos de postos de trabalho e a menor queda em termos do número de unidades, o que acarretou um crescimento com concentração econômica.

Essa dinâmica de concentração mostra que os efeitos da crise se manifestam de forma mais intensa para as empresas menores, menos capitalizadas e com menos capacidade de enfrentar os momentos de adversidade. Enquanto as empresas maiores têm capacidade e instrumentos para resistir à uma conjuntura desfavorável, por dispor de mais capital de giro e capacidade de financiamento, as empresas menores são mais duramente afetadas pela redução do poder aquisitivo da população que vem tornando-se mais intensa a partir da crise de 2015.



Já a defasagem entre a dinâmica dos setores industriais e o comércio pode ser explicada pela pouca integração dos distintos elos da cadeia, já mencionada acima. Uma parte significativa do comércio local abastece-se de produtos fabricados em outros estados e/ou importados, fazendo com que sua dinâmica não tenha uma relação direta com os demais setores produtivos da cadeia. Independentemente das distintas dinâmicas setoriais, no seu conjunto, a cadeia produtiva têxtil-vestuário do Rio Grande do Sul vem experimentando uma queda mais intensa do que o resto da cadeia no conjunto do País, situação que se agrava, na medida em que essa queda setorial se dá nos marcos da economia de um estado que vem perdendo posições no âmbito nacional.

Do ponto de vista do número de unidades locais em todos os setores, a economia brasileira teve um acréscimo de 17,5% entre 2006 e 2018, enquanto esse crescimento foi de apenas 2% no RS. Nesse contexto, a cadeia têxtil-vestuário, em nível nacional, apresentou uma redução de 13,7% em termos de unidades locais, ao passo que, no RS, a queda foi de 29,2%. Essa evolução é similar quando se analisa a geração de postos de trabalho. Entre 2006 e 2018, o número de postos de trabalho formais na economia brasileira cresceu 31,8%, enquanto, no Estado, essa variação foi de 15,6%. Já os empregos formais na cadeia têxtil-vestuário, no Brasil, cresceram 1,3% no período, enquanto, no RS, essa mesma cadeia apresentou uma redução de 16,6%.

A cadeia têxtil-vestuário do RS, portanto, tem um desempenho fraco no contexto de uma economia que já vem apresentando uma evolução mais lenta do que o resto do País. Essa situação coloca desafios no sentido do estabelecimento de estratégias que contribuam para um melhor desempenho do setor. Essa possibilidade passa, em primeiro lugar, por um conhecimento mais profundo das tendências do setor em escala global, de forma que se possam identificar as oportunidades a serem exploradas no sentido de alterar essa dinâmica negativa.

5 Tendências e perspectivas da cadeia têxtil-vestuário

Esse quadro de recuo da cadeia produtiva têxtil-vestuário no Rio Grande do Sul, amplamente constatado nos números apresentados acima, não é incontornável. A comparação da trajetória da mesma cadeia em outras unidades da Federação mostra que há espaço para trajetórias de crescimento do setor no País e no mercado internacional. O mercado brasileiro é muito grande no contexto mundial, e as possibilidades de exportação dos produtos da cadeia são efetivas. Essas condições apontam para a possibilidade de alteração desse padrão que se identificou na conjuntura recente. Um dos caminhos para o enfrentamento desse desafio⁷, no entanto, passa por identificar as possibilidades e, sobretudo, as oportunidades existentes. Para isso, é fundamental analisar as tendências desse mercado, de maneira a compreender quais são as demandas dos consumidores e para onde ele se dirige nas próximas décadas.

Um primeiro elemento a ser considerado diz respeito ao processo de globalização, que resulta em alterações profundas, em termos da divisão internacional do trabalho, e em uma crescente internacionalização dos mercados e dos processos produtivos. É sobre esse pano de fundo que se devem compreender as estratégias passíveis de serem desenvolvidas na cadeia produtiva. Isso porque a cadeia têxtil-vestuário, como tantas outras cadeias industriais, viveu intensas transformações a partir da virada do século. Desde os anos 70, a intensificação da globalização econômica levou a mudanças substantivas

⁷ Outro movimento importante, e mesmo preliminar ao adotado, seria o de analisar com mais profundidade os fatores causais que explicam o mau desempenho da cadeia. Essa abordagem, no entanto, deslocaria o foco do debate aqui proposto.



nesse cenário, que, em grande medida, passou a ser constituído por “[...] redes de empresas que interligam diferentes tipos de firmas em agrupamentos ou nós industriais e atravessam as fronteiras do país e do setor” (GORINI, 2000, p. 6).

Atualmente, o setor atravessa um período de profundas mudanças, face ao processo de globalização e a abertura de novos mercados. Os componentes mais sensíveis dessas transformações são “[...] o deslocamento da produção devido aos custos operacionais; a exasperação da concorrência; a redução do ciclo de vida dos produtos de moda; o incremento veloz das tecnologias e modificações complexas na estrutura dos mercados” (RECH, 2006, p. 8). Essas transformações levaram a uma rápida reconfiguração dos mercados e da divisão internacional do trabalho no âmbito da cadeia têxtil-vestuário em nível global.

Já durante os anos 90, as empresas de ponta da cadeia têxtil-vestuário nos países de capitalismo avançado vinham adotando mudanças em seus processos produtivos e estratégias de mercado. Essas estratégias baseavam-se na “[...] conquista de mercados segmentados através da automação, da diferenciação de produtos, do *design* sofisticado e da rapidez no atendimento aos consumidores, capazes de adicionar maior valor ao produto” (SHERER; CAMPOS, 1996, p. 185). Esses processos davam conta da maior intensidade de incorporação de alguns dos elementos relacionados com a tecnologia e com a economia criativa, particularmente a inclusão de elementos artísticos e criativos através do *design*, assim como de novas estratégias de *marketing*.

A principal mudança que se observa nos países industrializados é na direção de uma produção que incorpore mais fortemente os conceitos de moda e estilo. “Nessa nova estratégia, o foco concorrencial deixa de estar centrado no preço do produto e passa a enfatizar outros fatores, como estilo, *design*, moda e qualidade” (RECH, 2006, p. 81). Em alguma medida isso já vem acontecendo no Brasil desde meados os anos 90. Naquele momento, já se iniciava a incorporação dos primeiros elementos relacionados com a abordagem da economia criativa, como *design*, *branding* e estratégias de posicionamento no mercado, com as empresas que apostaram na sofisticação tecnológica, melhorando a imagem da marca dos seus produtos, investindo em estilos mais sofisticados e acompanhando de forma sistemática as tendências da moda.

A maior fixação e identificação da marca, notadamente nas malharias e na indústria do vestuário, costuma vir acompanhada de um esforço de diferenciação do produto em termos de estilo e *design* e é particularmente importante nos segmentos de produtos não massificados. A preocupação crescente com a moda tem motivado a contratação de estilistas profissionais e a utilização de consultores de moda, visando a um acompanhamento sistemático das tendências para cada estação. (SCHERER; CAMPOS, 1996, p. 198).

Por outro lado, o processo de globalização viabilizou a adoção de mecanismos de “*outsourcing*”, a terceirização de parte significativa dos processos produtivos para países onde os salários eram mais baixos, mantendo, nos países centrais, as partes mais estratégicas e agregadoras de valor do processo produtivo, como o *design*, o planejamento estratégico e o *marketing*. Nesse processo, o Brasil, por se encontrar em uma situação intermediária entre os países centrais (onde ficam as matrizes das empresas e o grosso do trabalho com maior valor agregado) e os países mais pobres (para onde migraram os postos de trabalho), passou mais ou menos ao largo dessa reconfiguração. No entanto, a cadeia produtiva têxtil-vestuário nacional sofreu com o impacto da concorrência internacional gerada a partir desse novo padrão.

Esse processo, contudo, implicou uma radicalização das diferenças nas condições de trabalho no setor. Nos países avançados, concentram-se os empregos de maior qualidade, salários mais altos e melhores condições de trabalho. Nos países em desenvolvimento, particularmente no sul da Ásia, a expan-



são da cadeia têxtil-vestuário está relacionada, via de regra, a processos produtivos mais simples, métodos de trabalho atrasados, baixos salários e péssimas condições de trabalho. A competitividade passou a dar-se pela agregação de valor nos países centrais, combinada com a redução dos custos do trabalho nas operações finais da produção.

O processo de globalização no final do século XX, portanto, combinou dinâmicas opostas. De um lado, assistiu-se à potencialização do valor agregado com base em elementos relacionados com a economia criativa. De outro, porém, a mesma cadeia em nível global passou a conviver com um cenário de superexploração da mão de obra, desrespeito ou restrição aos direitos trabalhistas, assim como de adoção de processos produtivos profundamente lesivos ao meio ambiente. Para além das más condições de trabalho, a produção da cadeia têxtil-vestuário nos países do terceiro mundo caracterizava-se pela pouca preocupação com a contaminação ambiental gerada por seus processos produtivos.

Essa situação reconfigurou o cenário da concorrência internacional, o que impôs a adoção de novas perspectivas para as estratégias empresariais do setor. No entanto, para além das dimensões globais do processo produtivo das cadeias têxtil-vestuário, surgiram também tendências globais de mercado, que passaram a balizar as possibilidades de penetração em um mercado crescentemente competitivo. Essa situação relaciona-se com novas exigências do mercado internacional, baseadas nas tendências de consumo, exigências estas que se manifestam em todos os países, independentemente de sua maior ou menor integração no mercado internacional.

Nesse sentido, ainda que, no caso brasileiro, a grande maioria da produção da cadeia têxtil-vestuário do RS seja dirigida para o mercado interno e não para a exportação, são essas dinâmicas do mercado internacional que determinam agora os padrões produtivos e as estratégias comerciais. Isso porque a concorrência dos produtos estrangeiros atinge de forma muito direta as produções nacional e local. Por isso, uma das condições de sobrevivência do setor está diretamente relacionada com a capacidade competitiva das empresas locais *vis-a-vis* os padrões internacionais de concorrência. Portanto, não é possível deixar de incorporar as novas tendências do mercado internacional na formulação das estratégias empresariais locais. Essa incorporação é que pode viabilizar uma retomada sustentada da cadeia produtiva têxtil-vestuário local, assim como ampliar as possibilidades de exportação como um caminho para o crescimento.

Isso implica identificar que elementos, em termos de estratégia empresarial, podem ser incorporados no sentido de ampliar a capacidade competitiva das empresas. O mercado de consumo da cadeia têxtil-vestuário vem sofrendo profundas modificações nos últimos 20 anos. Essas mudanças tendem a estabelecer novos patamares de competitividade para os produtos. Os critérios tradicionais de seleção do produto, como menor preço, ou a simples associação a uma marca global de prestígio, estão alterando-se de forma sensível no mundo inteiro. Esse processo vem ocorrendo de forma ainda desigual e segmentada, mas aponta de forma clara para uma mudança.

Os temas da qualidade, da sustentabilidade, da responsabilidade social estão cada vez mais na ordem do dia nos mercados internacional e nacional. E essa preocupação já atinge a indústria e o comércio. A consciência acerca dos problemas característicos dos processos produtivos da cadeia têxtil-vestuário surge da pressão dos consumidores, sensibilizados pela crescente visibilidade dos problemas do atual modelo, que incluem os baixos salários e as más condições de trabalho dos operários do setor, além dos impactos ambientais causados por um modelo industrial pouco preocupado com os temas da sustentabilidade. Essa percepção acerca da insustentabilidade do modelo adotado até o início do século XXI vem impulsionando o setor para mudanças.



Essa nova sensibilidade dos consumidores resulta do impacto de um crescente ativismo internacional dirigido para a cadeia têxtil-vestuário. O deslocamento de processos produtivos de grandes marcas globais para países em desenvolvimento, através dos quais estas se beneficiam de salários mais baixos, gerou uma reação na forma de campanhas contra a superexploração do trabalho. As péssimas condições de trabalho nas fábricas dos países em desenvolvimento, as chamadas “*sweatshops*”⁸, ganharam a atenção mundial, especialmente a partir de acidentes, como o colapso do complexo Rana Plaza, em Bangladesh, que desabou, matando 1.134 trabalhadores⁹. Acidentes como esse, aliados a milhares de outras denúncias das condições de trabalho em fábricas e ateliês domiciliares, mobilizaram milhares de ativistas de direitos humanos pelo mundo para a luta pelos direitos dos trabalhadores das empresas de confecção dos países em desenvolvimento.

Essas iniciativas aglutinam um amplo arco de organizações de diferentes origens, matizes políticos e formas de atuação. O Quadro 1 apresenta uma lista de algumas das mais relevantes entre essas organizações. Em primeiro lugar, aparecem sindicatos e coalizões de organizações sindicais, que, desde os anos 90 do século passado, vêm advogando por melhores condições de trabalho em escala global. A própria Organização Internacional do Trabalho (OIT), do sistema das Nações Unidas, já em 1996 adotou uma resolução a favor do combate ao trabalho infantil na cadeia têxtil-vestuário (INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION, 1996) e, desde então, vem protagonizando campanhas a favor da melhoria das condições de trabalho no setor.

Para além de organizações de trabalhadores e coalizões internacionais de sindicatos, que focam nas condições de trabalho, outros atores passaram se envolver nessa questão. De um lado, organizações não governamentais relacionadas com os temas dos direitos humanos, assim como grupos e movimentos voltados para a solidariedade com os países do terceiro mundo. Essas organizações, muitas vezes orientadas pelo conceito de “*fair trade*”¹⁰, denunciam fundamentalmente as contradições relacionadas às disparidades entre os países desenvolvidos e os países do chamado “sul global”. Sua crítica é focada nas relações comerciais e de troca que beneficiam as grandes marcas globais, através de uma divisão de trabalho em que os lucros ficam no Hemisfério Norte, enquanto os problemas sociais e ambientais são deslocados para os países em desenvolvimento.

Além desses temas relacionados com os direitos humanos dos trabalhadores e com as injustiças nas relações comerciais internacionais, a dimensão da sustentabilidade ambiental também passou a ocupar um espaço importante na crítica aos modelos de negócio na cadeia têxtil-vestuário. Pela sua própria natureza, os processos produtivos dessa cadeia têm um profundo impacto ambiental, seja pela intensa aplicação de agrotóxicos na produção das fibras utilizadas, como o algodão, seja pela grande quantidade de insumos químicos de alto impacto utilizados na produção (tintas e corantes), seja pelo intenso consumo de água no processo. Em recente entrevista, o CEO da Malwee, uma das maiores empresas da cadeia têxtil-vestuário no Brasil, Guilherme Weege, afirma que o setor de confecções é um dos que mais polui, sendo responsável por 20% da poluição dos rios e por 10% das emissões globais de CO₂¹¹.

⁸ *Sweatshop* é o termo utilizado, em inglês, para se referir à unidades produtivas precárias e com más condições de trabalho.

⁹ Disponível em: <https://www.independent.co.uk/life-style/fashion/rana-plaza-factory-disaster-anniversary-what-happened-fashion-a9478126.html>.

¹⁰ O conceito de “*fair trade*”, comércio justo, surge por analogia e em oposição à ideia de “*free trade*”, livre comércio, advogado pelos defensores do livre-comércio.

¹¹ Disponível em: https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/12/31/guilherme-weege-malwee-uol-lide-res.htm?utm_source=flipboard&utm_medium=referral&utm_campaign=economia.



Quadro 1

Campanhas e organizações internacionais que atuam em prol de melhorias na cadeia têxtil-vestuário no mundo

Institute for Global Labour and Human Rights (<https://www.globallabourrights.org/>) - organização não governamental criada em 1981, com a missão de defender os direitos humanos dos trabalhadores na economia global. Com sede em Pittsburgh, nos Estados Unidos, o Instituto tem escritórios em El Salvador e Bangladesh e grupos de pesquisa na América Central, China e Jordânia.

Green America (www.greenamerica.org) - organização sem fins lucrativos, fundada em 1982, que promove o consumo responsável nos EUA. É dedicada a usar o poder econômico de consumidores, investidores e comerciantes para promover a justiça social, proteger o meio ambiente e dar amparo e ajuda aos consumidores e comerciantes verdes que se encontram no mercado.

International Labor Rights Forum (<https://laborrightrights.org/>) - articulação internacional criada em 1986, com sede em Washington, voltada para sensibilizar as companhias em relação a violações de direitos trabalhistas em suas cadeias de suprimento, apoiar a implementação de políticas e leis que protejam o trabalho decente e direitos dos migrantes, fortalecer a liberdade de associação, novas formas de negociação. Promove a campanha "SweatFree Communities".

Global Exchange (<https://globalexchange.org/>) - organização não governamental global de direitos humanos, fundada em 1988, baseada em São Francisco (EUA), dedicada à promoção da justiça social, econômica e ambiental. Seu foco, além de campanhas internacionais por direitos humanos, é na promoção do comércio justo.

Clean Clothes Campaign (<https://cleanclothes.org>) - criada em 1989, é uma aliança internacional de sindicatos e organizações não governamentais que advoga por melhores condições de trabalho na indústria, cobrindo um amplo espectro de perspectivas e interesses, como os direitos das mulheres, conscientização dos consumidores e redução da pobreza.

Maquila Solidarity Network (<https://www.maquilasolidarity.org/>) - rede do Canadá, criada em 1994, com sede em Toronto, que luta pelo empoderamento dos trabalhadores na indústria de confecção e de calçados em nível global e busca promover mudanças sistêmicas na indústria, de forma a tornar possível aos trabalhadores o acesso a salários dignos, condições de trabalho decentes e respeito pelos seus direitos.

Rugmark (<http://www.rugmarkindia.org/>) - fundação indiana que combate o trabalho infantil na indústria de tapeçaria na Índia, no Paquistão e no Nepal. Criada em 1994 por uma rede de organizações não governamentais e com o apoio de empresas do setor, a fundação tem um programa de certificação para a indústria têxtil que atesta boas práticas de fabricação.

United Students Against Sweatshops (<https://usas.org/>) - criado em 1997, é um movimento de estudantes com presença em mais de 250 *campi* universitários dos Estados Unidos e do Canadá, luta em defesa dos direitos dos trabalhadores da indústria da confecção em nível global.

Worker Rights Consortium (<https://www.workersrights.org/>) - organização independente, criada em 2000 por administradores das universidades, especialistas em questões trabalhistas e estudantes ativistas. Seu foco é no monitoramento dos processos produtivos e na defesa dos direitos dos trabalhadores das indústrias de confecção dos Estados Unidos, especialmente aqueles que utilizam os logos das universidades. O WRC realiza investigações e publica relatórios sobre as fábricas que produzem para as maiores marcas globais, denunciando abusos e defendendo os direitos dos trabalhadores.

Coalition québécoise contre les ateliers de misère (<https://www.ciso.qc.ca/la-cqcam/ateliers-de-misere/>) - criada em 2003, é uma coalizão de organizações não governamentais, sindicatos e entidades estudantis da região francófona do Canadá que luta contra as "sweatshops", baseada em Montreal.

Fashion Revolution (www.fashionrevolution.org) - organização não governamental internacional criada em 2013, voltada para conscientizar em torno dos temas éticos, humanitários e de sustentabilidade relacionados com as grandes marcas da moda global.

Unite Here (<https://unitehere.org>) - principal organização sindical que representa os trabalhadores do setor de vestuário nos Estados Unidos e no Canadá. Promove campanhas por melhores salários e condições de trabalho nesta indústria.

Organização Internacional do Trabalho (OIT) (<https://www.ilo.org/>) - agência do sistema das Nações Unidas voltada para o tema das relações de trabalho, desenvolve estudos e apoia campanhas pelos direitos dos trabalhadores.

Entretanto a luta contra as *sweatshops* não se resume à perspectiva sindical, da desigualdade do comércio internacional e dos direitos de quem trabalha nas fábricas. Além dessas vertentes de crítica aos processos produtivos e à divisão internacional do trabalho, outros movimentos focados nos consumidores



emergiram na segunda década do século XXI. O questionamento acerca da dinâmica dos processos produtivos relacionados à cadeia têxtil-vestuário desdobrou-se também na direção de uma nova perspectiva ética, relacionada à noção de consumo consciente. Um contingente crescente dos consumidores nos países ricos, mas também nos países ditos em desenvolvimento, passou a perceber cada vez mais que suas decisões de consumo produzem impactos sociais, econômicos e ambientais. A percepção dessa dimensão ética do ato de consumir passou a incidir sobre as opções de consumo.

Essa perspectiva de consumo ético resulta na emergência de novos movimentos. Esses movimentos advogam por uma ação que tem como ponto de partida os valores de quem consome a moda. O movimento Fashion Revolution¹², surgido em 2013, justamente em função do desastre em Bangladesh, incorpora essa dinâmica transformativa através da sensibilização dos consumidores e das grandes marcas da moda internacional. Sua atuação vem contribuindo para uma mudança de postura que se inicia a partir das grandes marcas internacionais de confecção e varejo, que deflagram uma mudança de postura em relação aos seus processos de produção e comercialização.

Esse movimento cresceu e atingiu um impacto global. Lançou a campanha #QuemFezMinhasRoupas “[...] para aumentar a conscientização sobre o verdadeiro custo da moda e seu impacto no mundo, em todas as fases do processo de produção e consumo” (FASHION REVOLUTION, 2021, *on-line*). Realizado inicialmente no dia 24 de abril, o Fashion Revolution Day ganhou força e tornou-se a Semana Fashion Revolution, que conta com atividades promovidas por núcleos voluntários, em mais de 100 países. A partir de iniciativas como essa, que passou a ser replicada de distintas formas no mundo inteiro, um contingente crescente de consumidores passou a reorientar suas opções de compra.

Essa crescente sensibilidade do público consumidor atraiu a atenção do mercado e especialmente dos principais atores da cadeia têxtil-vestuário no cenário internacional. E a nova consciência acerca do papel do consumidor na definição dos padrões produtivos da indústria foi além do tema das relações trabalhistas. Há uma crescente preocupação também com o tema da sustentabilidade, o que implica uma atenção maior aos processos produtivos e suas consequências para o meio ambiente. A garantia de que os produtos consumidos gerem um menor impacto sobre a natureza soma-se às preocupações com os direitos e as condições de trabalho das pessoas que produziram o que está sendo consumido. Tudo isso forma um caldo de cultura que incide sobre as atitudes dos diversos agentes do mercado.

Um estudo realizado por uma fundação patrocinada por uma das maiores redes mundiais de varejo, a C&A (DAHEIN *et al.*, 2020), sistematiza essas críticas à insustentabilidade do modelo atual e aponta para a perspectiva de que, até 2035, o mercado mundial da moda em seu conjunto deverá estar alinhado com os preceitos de sustentabilidade ambiental e social. O estudo realiza uma análise em profundidade acerca dos limites do modelo produtivo atual e sinaliza com uma tendência de mudanças. Tomando como ponto de partida a crescente consciência dos consumidores, o estudo evidencia a necessidade de uma grande coalizão internacional voltada para alterar os padrões da indústria.

Esse estudo é apenas um entre vários editados nos últimos tempos, em sua maioria apontando para os graves problemas sociais e ambientais gerados pelo atual modelo de funcionamento da cadeia têxtil-vestuário. Nele, os autores apontam claramente para “[...] a necessidade de uma mudança radical, disruptiva e de longo prazo, que só poderá ser viabilizada com uma abordagem holística e sistêmica” (DAHEIN *et al.*, 2020 p. 7). Esse debate acerca da sustentabilidade e do consumo consciente foi muito intenso na segunda década deste século, alimentado por estudos acadêmicos, relatórios de instituições

¹² Disponível em: <https://www.fashionrevolution.org/>.



multilaterais internacionais, de organizações não governamentais (ONGs) e fundações do chamado terceiro setor e mesmo de fundações mantidas pelas próprias empresas. No Quadro A.2, no **Apêndice**, apresenta-se uma breve lista de alguns estudos referenciais sobre o tema.

No Brasil, esse debate emergiu quase ao mesmo tempo que na esfera internacional. Um dos marcos importantes nessa direção foi o estudo realizado pela Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI, 2010), do Ministério do Desenvolvimento, em parceria com o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos do Ministério da Ciência e Tecnologia. Esse estudo, realizado nos marcos do Programa de Competitividade Setorial, que tinha como objetivo contribuir para a articulação, a construção, a coordenação, o monitoramento e a avaliação de uma estratégia competitiva para a cadeia têxtil e de confecção, foi realizado em parceria com um amplo leque de instituições privadas, relacionadas com a cadeia têxtil-vestuário¹³, assim como de outros ministérios e agências governamentais.

Nesse estudo, a compreensão das mudanças de paradigma que se processam em escala internacional fica evidente. Em primeiro lugar, aponta-se para a insustentabilidade das estratégias convencionais, baseadas em uma noção de redução de custos. O estudo observa que “[...] iniciativas empresariais que criassem condições aviltantes e nocivas ao meio ambiente poderiam ser consideradas eficientes se avaliadas sob o aspecto reducionista da mera geração de empregos” (AGÊNCIA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL, 2010, p. 54), mas sinaliza que uma estratégia baseada em conhecimento e capacidade de produzir inovação, e não na racionalização de custos, tende a ser muito mais sustentável no longo prazo.

A análise realizada pela ABDI sinaliza que as estratégias convencionais tendem a conduzir as políticas ao que foi denominado “*race to the bottom*”, uma corrida empreendida por tantos países sob a bandeira da geração de emprego e captação de divisas para o país. Essa “corrida para o fundo” baseia-se em um rebaixamento das condições de vida e de trabalho dos empregados do setor, que têm os seus salários e condições de trabalho aviltados, na deterioração no controle dos impactos ambientais, que prejudica o meio ambiente, e na concessão de benefícios e incentivos fiscais, que tendem a reduzir a capacidade do Estado de produzir políticas públicas. Tal estratégia pode eventualmente ter bons resultados no curto prazo, mas que não se sustenta no longo prazo.

Essa incorporação dos novos paradigmas na cadeia têxtil-vestuário não é restrita aos debates acadêmicos ou a estudos realizados por instituições públicas como a ABDI. O próprio setor privado vem absorvendo uma nova visão dos seus modelos de negócio. Isso se manifesta tanto nos posicionamentos das instituições representativas dessa cadeia produtiva como também em um engajamento crescente das empresas líderes do setor em torno de uma nova visão de futuro e de uma nova abordagem de suas práticas produtivas e comerciais.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI), entidade que representa o setor industrial, e o Senai também vêm realizando um amplo debate que incorpora as novas temáticas, com um foco específico na chamada economia circular, abordagem que busca definir estratégias de produção industrial com um menor impacto ambiental. Nesse âmbito, as instituições representativas do setor já vinham, desde meados dos anos 90, incorporando o tema dos resíduos industriais. A implantação do Centro Nacional de

¹³ As instituições privadas que contribuíram no debate foram a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e Confecção (ABIT); a Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa); a Associação Brasileira dos Produtores de Fibras Artificiais e Sintéticas (Abras); o Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral, de Tinturaria, Estamparia e Beneficiamento, de Linhas, de Artigos de Cama, Mesa e Banho, de Não-tecidos e de Fibras Artificiais e Sintéticas do Estado de São Paulo (Sinditêxtil-SP); e o Instituto Claeq. Também participaram do comitê as seguintes empresas: Rosset, Coteminas, Hering, Osken, Mercearia, Guararapes, Dystar, Color Têxtil, Cedro Cachoeira, Santista e Stenville.



Tecnologias Limpas (CNTL-Senai), em meados daquela década, é um marco importante de uma ação institucional voltada para uma visão mais adequada da temática ambiental. A publicação de dois relatórios da CNI nos últimos anos — **Economia Circular: oportunidades e desafios para a indústria brasileira** (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA, 2018) e **Economia Circular: caminho estratégico para a indústria brasileira** (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA, 2019) — são marcos importantes do reconhecimento de que os temas da sustentabilidade não podem mais ser relegados ao segundo plano. É evidente que esses avanços conceituais não necessariamente se expressam em uma mudança efetiva das práticas industriais em escala mais ampla, mas representam uma demonstração de que o tema entrou na agenda política.

No âmbito da cadeia têxtil-vestuário, o tema também vem ganhando destaque, tendo resultado na criação, em 2020, do Núcleo de Sustentabilidade e Economia Circular (Nusec) no âmbito do Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil (Cetiqt), instituição de ensino e pesquisa relacionada com o sistema Senai. O Nusec tem como objetivo colocar a cadeia produtiva têxtil-vestuário brasileira “[...] no mapa da modernidade em termos de práticas ecologicamente responsáveis, que lhe permitam abrir novos mercados, especialmente os mais regulados” (TOLIPAN, 2020, *on-line*). Através do Nusec, o Cetiqt, passou a atuar de uma forma mais sistemática no sentido de estimular as práticas de sustentabilidade nos processos produtivos.

No Rio Grande do Sul, as entidades representativas do setor vêm desenvolvendo iniciativas voltadas para a articulação entre os diversos atores da cadeia, especialmente entre o setor industrial e o comercial. Em julho de 2017, o Sindicato da Indústria do Vestuário (Sivergs), apoiado pela Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (FIERGS) e por outros sindicatos do setor, promoveu o evento “RS Moda — Indústria & Varejo Conectados”, que foi uma iniciativa em parceria com o Sindilojas, instituição representativa do setor varejista. O evento, que contou também com a participação de instituições de fomento e do Governo do Estado, aconteceu em paralelo à quinta edição da Feira Brasileira do Varejo (FBV), realizada em Porto Alegre¹⁴.

O objetivo do evento, que se tornou anual, é promover uma aproximação entre o setor comercial e as empresas do setor de confecções, aprofundando os laços e promovendo negócios entre as empresas locais. A iniciativa também se sintonizava com as dimensões da economia criativa “[...] aproximando os criativos gaúchos já consagrados aos lojistas e confeccionistas, vinculando as pessoas que fazem parte do mercado aos movimentos culturais e comportamentais mais modernos”, assim como da sustentabilidade e da responsabilidade social. Segundo a presidente do Sivergs: “Queremos fortalecer a produção gaúcha economicamente sustentável e com propósito, que valoriza a mão de obra local”.

Esse movimento de incorporação de novos paradigmas não se resume às instituições representativas do setor e aos órgãos públicos ou instituições paraestatais como o Senai. Um número crescente de empresas, especialmente as empresas líderes de seus setores, já está sintonizada com os novos tempos. Na entrevista citada acima, o CEO da Malwee afirmou, de maneira enfática, o compromisso de sua companhia com os temas da sustentabilidade. Seu exemplo mostra que o setor industrial de confecção e calçados vem incorporando de forma cada vez mais intensa os princípios da economia circular e da sustentabilidade ambiental. Estudos de caso disponíveis analisam, em detalhe, a emergência do tema da sustentabilidade na indústria da confecção e de calçados (ALMEIDA, 2013; QUARESMA; MOURA, 2016).

¹⁴ Disponível em: <https://www.sindilojaspoa.com.br/imprensa/noticias/rs-moda-industria-varejo-conectados-ira-aproximar-confeccoes-gauchas-e-lojistas-do-setor>.



No varejo, várias empresas criaram instituições voltadas para implementar políticas sociais relacionadas com o tema da sustentabilidade e da responsabilidade social. O Instituto Renner, uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP), tem como objetivo “[...] o apoio a projetos de empreendedorismo e de inclusão da mulher no mercado de trabalho nas diversas regiões do Brasil” (INSTITUTO LOJAS RENNEN, 2020, *on-line*), focando sua atuação no esforço por alcançar ao quinto dos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas: “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”. Além disso, a Renner tem implementado também iniciativas baseadas nos princípios da reciclagem e do consumo consciente¹⁵.

A C&A também tem sua instituição, criada nos anos 90, com foco em ações educacionais para crianças carentes, com um perfil de ação social sem uma relação direta com a cadeia têxtil-vestuário. No entanto, em 2015, em sintonia com a ação mundial, o instituto da empresa varejista alterou seus propósitos para atuar na transformação da indústria da moda, “[...] tendo um olhar holístico no suporte a projetos que apoiavam desde a produção de matérias-primas, questões de direito e trabalho da manufatura e também para o consumo e pós-consumo” (INSTITUTO C&A, 2020, *on-line*).

Além dessa ação institucional, as empresas líderes do setor têm operado através da implementação de políticas direcionadas para o conceito de sustentabilidade. Essas políticas são tornadas públicas através da divulgação anual de relatórios de sustentabilidade. Uma das empresas líderes do setor calçadista, a Grendene, em seu **Relatório de Sustentabilidade 2019**, sinaliza para uma política baseada em três pilares “[...] valorização das pessoas, operações ecoeficientes e produtos de baixo impacto” (GREN-DENE, 2019, p. 8). Essas iniciativas, ainda que sejam apenas uma amostra coletada sem maior sistematicidade, apontam para um movimento consistente de adoção dos novos paradigmas. Ou, ao menos, de uma adesão manifesta aos mesmos. As empresas líderes dos distintos setores que compõem a cadeia têxtil-vestuário acompanham o movimento internacional de readequação das suas práticas produtivas e comerciais às novas demandas dos consumidores.

As iniciativas citadas são apenas alguns dos exemplos da crescente incorporação dos conceitos de sustentabilidade e de responsabilidade social entre os diversos atores que compõem a cadeia têxtil-vestuário no Brasil. No entanto, esses exemplos sinalizam também que, de modo geral, essas inovações conceituais parecem ter um alcance relativamente limitado no conjunto da cadeia. Essa percepção dos novos tempos e dos novos paradigmas, que já estava presente nas instituições de ensino e de pesquisa, tanto públicas como privadas, adquiriu recentemente um peso significativo nas instituições representativas do setor privado e foi incorporada de forma bastante intensa pelas empresas líderes do setor. No entanto, a capacidade de disseminação desse tipo de inovação ainda parece estar distante da maioria das empresas, especialmente das micro, das pequenas e mesmo das médias empresas.

6 As mudanças de paradigma

Por muitas décadas a busca da competitividade empresarial na cadeia têxtil-vestuário foi baseada em um padrão convencional, que priorizava a redução dos custos salariais e do custo dos insumos, reivindicava incentivos fiscais por parte dos estados e considerava a redução dos impactos ambientais dos seus processos produtivos como custos a serem evitados. Esse padrão tende para o esgotamento. Como se viu acima, nos centros mais avançados, os atores da cadeia demonstram uma consciência crescente

¹⁵ Disponível em: <https://exame.com/marketing/renner-faz-parceria-com-brecho-para-cliente-vender-roupa-que-nao-usa-mais/>.



dos limites do modelo e protagonizam esforços no sentido da adoção de novos padrões éticos e produtivos.

É evidente que essa transformação se processa de forma desigual, segundo as características de cada país. Em países de economia estagnada e de baixa renda, o padrão concorrencial baseado nos baixos custos de produção ainda tende a subsistir. Porém as mudanças nas preferências dos consumidores em nível global constituem-se em uma força que tende a se impor no âmbito da concorrência internacional. E aqueles países mais capazes de incorporar as inovações têm mais possibilidades de protagonizar um crescimento no longo prazo.

Esses novos padrões relacionam-se com as ideias de consumo consciente, de economia circular e de responsabilidade social. Essas ideias resultam, sobretudo, de demandas formais e informais dos consumidores, que vêm tendo um peso crescente sobre os atores da cadeia. Desde uma ótica ambiental, os consumidores buscam conhecer o impacto dos processos produtivos, valorizam a pesquisa e a descoberta de novos materiais e processos de menor impacto e demandam uma maior transparência por parte das empresas acerca de seus processos. Cada vez mais, as empresas buscam manter “[...] relatórios de sustentabilidade altamente detalhados” (DAHEIM *et al.*, 2020, p. 6).

Além do tema da sustentabilidade, a perspectiva do consumo consciente passa também por assegurar os direitos humanos dos trabalhadores e das comunidades envolvidas nos processos produtivos da cadeia têxtil-vestuário. Isso se refere tanto aos aspectos trabalhistas, relacionados com os salários e as condições de trabalho, mas também com a sobrevivência das comunidades de modo geral. Os consumidores do século XXI tendem, cada vez mais, a exigir de parte das empresas uma maior preocupação com as dimensões ética e ambiental dos processos produtivos.

Nesse sentido, a perspectiva do consumo consciente relaciona-se também com o modo de vida das comunidades, com seus valores e sua cultura. Em contraste com uma moda que oferece produtos estandardizados e impessoais, a preocupação dos consumidores direciona-se no sentido da originalidade, da qualidade, da autenticidade e da diversidade. E o ato de consumo é percebido também como um posicionamento político. Valorizar a produção local, comprar de pequenos produtores, comprar produtos originais, cuja venda beneficie as comunidades, torna-se, cada vez mais, um imperativo.

Essa demanda dos consumidores aponta para uma relação entre essas mudanças nas práticas da cadeia têxtil-vestuário e a abordagem da economia criativa. Isso porque a lógica de agregação de valor nos produtos passa a ter uma relação muito mais íntima com a cultura e a criatividade. As demandas do consumo consciente relacionam-se com a valorização da diversidade, da autenticidade e identificam a qualidade dos produtos a partir da incorporação desses elementos da cultura de quem está produzindo as roupas que serão compradas. Nesse sentido, a construção da imagem de um produto, ou mesmo da imagem dos produtos de um país, passa a ter uma relação muito forte com a dimensão cultural e criativa.

É evidente que, em termos de escala, o consumo de produtos do vestuário ainda tenderá, em grande medida, a ser dominado por uma produção massificada de produtos simples e baratos. Os consumidores de baixo poder aquisitivo, muitas vezes, não têm como se dar ao luxo de escolher as roupas por outros critérios que não os do custo. Mas, ao mesmo tempo, a experiência mostra que mesmo esses consumidores, sempre que podem, aliam critérios estéticos, além dos critérios de preços e de acessibilidade, nas suas decisões de compra.

Os valores relacionados com as novas exigências dos consumidores articulam-se em torno de três pilares fundamentais. O primeiro é a sustentabilidade ambiental, que se relaciona com a redução os impactos dos processos produtivos e a valorização crescente de temas como a economia circular. O



segundo é o da responsabilidade social, voltado para uma maior valorização dos trabalhadores e para a melhoria dos seus salários e de sua qualidade de vida. E o terceiro, diretamente relacionado com o tema da economia criativa, é a valorização da criatividade, da originalidade e da representatividade cultural dos produtos consumidos. A compreensão dessas três dimensões é o ponto de partida para a formulação de uma estratégia eficiente para a cadeia produtiva têxtil-vestuário no século XXI.

Essa transição já está clara para alguns dos principais atores da cadeia, como se pode ver a partir dos exemplos citados acima. As principais instituições representativas do setor empresarial, as instituições de ensino e pesquisa aplicada e a quase totalidade das maiores empresas da cadeia têxtil-vestuário no Brasil parecem estar bastante conscientes acerca da emergência de novos paradigmas. No entanto, a grande heterogeneidade do setor, que é composto por um grande número de empresas de porte, perfil e orientação muito diferenciados, faz com que esse processo de apropriação dessa nova abordagem seja ainda muito limitado no conjunto da cadeia. Enquanto a quase totalidade das grandes empresas do setor já atua de forma bastante engajada na direção de um novo perfil produtivo, a grande maioria das médias e sobretudo das pequenas empresas tem muita dificuldade em se alinhar com as novas tendências do mercado.

No entanto, o movimento transformador identificado na cadeia têxtil-vestuário não se resume às empresas líderes. Há também um movimento que vem de baixo para cima, de empreendedores individuais, empresas menores, articulações institucionais e iniciativas cidadãos que também vêm operando uma mudança na direção dos novos paradigmas. Essas iniciativas mostram que a transformação da cadeia não se resume à adoção de novos princípios pelas empresas maiores e mais conectadas com o mercado internacional. A dinâmica de mudança, sintonizada com as transformações globais, atinge setores mais amplos.

O movimento Fashion Revolution está presente no Brasil, desde 2014, promovendo a Semana Fashion Revolution — um evento organizado em rede nacional, que envolve conversas, aulas e exibição de filmes que sustentam mudanças de mentalidade e comportamento em consumidores, empresas e profissionais da moda. O movimento está organizado formalmente através do Instituto Fashion Revolution Brasil e trabalha em parceria com diversos atores do setor na realização de outras atividades de debates e disseminação dos conceitos de consumo consciente, de capacitação profissional (projeto Jovens Revolucionários) e de promoção de mecanismos de transparência da indústria, publicando o “Índice de Transparência Moda Brasil”. A Semana Fashion Revolution 2020 foi realizada de forma virtual e impactou “[...] aproximadamente 100 mil pessoas em 65 cidades do Brasil, organizado por 65 representantes locais, 55 embaixadores em 114 escolas e universidades, comprometidos com a organização de mais de 200 eventos” (FASHION REVOLUTION, 2021, *on-line*). Mais de 500 marcas de vestuário engajaram-se na campanha.

Outro exemplo de movimentações em torno dos novos paradigmas é a Eco Fashion Week, semana de moda sustentável realizada anualmente em São Paulo, que, em 2020, realizou de forma virtual a sua quarta edição. Esse evento, do qual fazem parte desfiles de marcas, encontros de negócios, painéis e *workshops*, apresenta-se como “um grande encontro de moda sustentável e inovadora” que, em 2020, se realizou sob o lema “Conectar para regenerar: moda e planeta”¹⁶. A Eco Fashion Week é promovida em um esforço conjunto de mais de 50 entidades, entre empresas privadas do setor de confecção, mas também de comunicação, eventos e consultorias, entidades da sociedade civil como ONGs e fundações, instituições paraestatais como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), o

¹⁶ Disponível em: <https://brasilecofashion.com.br/>.



Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e o Senai, entidades representativas do setor como a ABIT e a Associação Brasileira do Varejo Têxtil (ABVText), em um arco de alianças amplo e diversificado. Nesses quatro anos de Eco Fashion Week, empresas do Rio Grande do Sul vêm tendo uma presença significativa no evento¹⁷.

As reportagens listadas na nota de rodapé 17 permitem acessar um bom panorama da cena da moda sustentável no RS. As marcas citadas demonstram que existe um número significativo de casos de empresas pequenas e médias que também já se estruturam a partir dos novos paradigmas. Esses exemplos apontam para uma direção alinhada com as tendências do mercado internacional. Seu sucesso demonstra que as possibilidades de adoção dos princípios de sustentabilidade ambiental, responsabilidade social e incorporação de elementos de economia criativa são acessíveis a empresas de qualquer dimensão. Portanto, os movimentos realizados pelas maiores empresas, líderes do setor, são dissemináveis ao longo de toda a cadeia.

Nesse contexto, pode ser citado também o movimento Moda Autoral Gaúcha, que nasceu da união de um grupo de autores, empreendedores e professores universitários. Tomando como ponto de partida o lema “Somos MAG”, o movimento visa ampliar o reconhecimento e a valorização das marcas autorais gaúchas. Nesse contexto, busca trabalhar como um movimento coletivo e colaborativo, em uma atuação voluntária, a partir da ideia de que “[...] o momento atual deve ser de ações em nome de todas as pessoas que formam as redes de trabalhadores de cada marca (autores, costureiras, cortadeiras, modelistas, produtores, modelos, entre tantos)”¹⁸.

7 Elementos para ampliar a competitividade na cadeia têxtil-vestuário do RS

Um direcionamento consistente do conjunto da cadeia têxtil-vestuário do Rio Grande do Sul na direção da sustentabilidade e da responsabilidade social depende hoje, sobretudo, da capacidade de disseminação dos novos paradigmas no conjunto dos atores da cadeia. As possibilidades de evolução positiva do setor tendem a estar relacionadas, de um lado, com a incorporação de uma perspectiva de economia criativa (*design, marketing*), agregando valor ao produto, e, de outro, com a adoção de uma estratégia alinhada com as novas tendências do mercado internacional, voltada para uma perspectiva de consumo consciente, baseada na sustentabilidade ambiental e na responsabilidade social. O estado da arte, em termos das tendências internacionais, no campo da produção e da comercialização da cadeia têxtil-vestuário aponta para essa direção.

O principal obstáculo nesse sentido parece ser a falta de integração da cadeia, que limita a adoção dos novos paradigmas. As inovações não se disseminam, sobretudo entre o grande número de pequenas empresas que compõem o setor. Em estudo recente publicado pela CNI sobre o tema da economia circular, ficou evidenciado que 70% das empresas nunca tinham sequer ouvido falar sobre o tema, ainda

¹⁷ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/colunistas/patricia-rocha/noticia/2018/11/moda-sustentavel-veja-as-5-marcas-gauchas-que-desfilam-no-brasil-eco-fashion-week-cjip4zpg00038bcnlqg6444z.html>.

Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/moda/noticia/2019/11/de-roupas-a-bolsas-quatro-marcas-gauchas-sustentaveis-para-conhecer-ck2yyz0ub01ip01phi41xrab9.html>.

Disponível em: <https://juliafleck.com.br/moda-2/marcas-gauchas-sustentaveis-parte-i/>.

Disponível em: <https://juliafleck.com.br/moda-2/marcas-gauchas-sustentaveis-parte-ii/>.

¹⁸ Disponível em: <https://somosmag.com.br/>.



que a maioria delas já estivesse adotando, ainda que de forma não sistemática, práticas nesse sentido (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA, 2019, p. 47).

Já entre as empresas maiores, a adoção de práticas sustentáveis é muito mais presente, na medida em que essas empresas têm maior capacidade de investimento, uma cultura empresarial mais integrada às tendências internacionais, se relacionam com consumidores e investidores que cobram mais atenção em relação às suas responsabilidades socioambientais e, muitas vezes, são signatárias de acordos nacionais e internacionais sobre o tema, em função de sua maior integração ao mercado mundial. Uma ação articulada, envolvendo não apenas os atores econômicos da cadeia têxtil-vestuário, mas também as universidades e os governos locais, estadual e federal com foco na disseminação dessas inovações, pode vir a ser um elemento importante para a retomada do crescimento da indústria da moda no Rio Grande do Sul.

Essa ação articulada pode ter como ponto de partida instituições e iniciativas que já se fazem presentes no Estado, dependendo apenas de uma maior divulgação e coordenação. Já existe uma rede de instituições de ensino e pesquisa que formam profissionais qualificados para o setor. Um levantamento preliminar identificou pelo menos 11 cursos de moda em nível de graduação, formando tecnólogos e *designers* de moda. Esses cursos concentram-se na capital, Porto Alegre (Escola Superior de Propaganda e *Marketing* (ESPM), Centro Universitário Metodista-Instituto Porto Alegre (Metodista-IPA), Senac, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) e Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter)), mas também estão presentes em Caxias do Sul (Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Centro Universitário Uniftec), Pelotas (Universidade Católica de Pelotas (UCPel)), Novo Hamburgo (Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo (Feevale)) e Lajeado (Universidade do Vale do Taquari (Univates)). Existe, portanto, uma sólida base acadêmica de formação de mão de obra qualificada para a cadeia têxtil-vestuário.

Os governos (municipais, estaduais e federal) também cumprem um papel importante, tanto do ponto de vista da formulação e da implementação de políticas públicas de fomento e capacitação como do apoio às articulações e iniciativas dos atores da cadeia têxtil-vestuário. Entre as políticas públicas de apoio federal, a mais importante é o suporte da Agência Brasileira de Promoção das Exportações (Apex) às iniciativas de promoção das exportações brasileiras. A agência desenvolve o Programa de Internacionalização da Indústria Têxtil e de Moda Brasileira (Texbrasil), que, há mais de 20 anos, vem atuando junto às empresas da cadeia têxtil-vestuário no desenvolvimento de estratégias para conquistar o mercado global. Suas ações, que são realizadas em parceria com a ABIT, já apoiaram mais de 1.600 marcas em promoção de exportações, realizando US\$ 3,6 bilhões em negócios. Também nesse programa, o tema da sustentabilidade ocupa um espaço significativo, estabelecendo como um dos seus objetivos “[...] posicionar empresas participantes do Programa como vitrine global da moda sustentável no Brasil” (PROGRAMA DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE MODA BRASILEIRA, 2020, *online*). No setor calçadista, há um programa análogo, o “Brazilian Footwear”, realizado pela Apex em parceria com a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados).

Do ponto de vista do Governo Estadual, a iniciativa mais relevante é o programa de apoio aos Arranjos Produtivos Locais. Essa política pública teve sua origem nos anos 90, “[...] quando o Governo do Estado, em 1999, através da Secretaria do Desenvolvimento e dos Assuntos Internacionais (Sedai), criou o Programa de Apoio aos Sistemas Locais de Produção” (RIO GRANDE DO SUL, 2018, p. 12), cujo objetivo era explorar a sinergia entre as dimensões setoriais e territoriais das atividades econômicas, potencializando as ações coletivas dos agentes econômicos e sociais no território, visando o aumento e/ou a consolidação da sua competitividade.



Essa articulação baseou-se no conceito de Arranjos Produtivos Locais (APLs), que busca integrar as ações do setor privado, do Governo e das instituições de ensino e pesquisa, visando aproveitar as vocações dos territórios e fortalecendo os *clusters* industriais das regiões. Esse programa teve continuidade em todos os governos subsequentes, sendo aprimorado e adaptado segundo o perfil das diversas administrações. Em 2013, o programa recebeu um aporte de financiamento por parte do Banco Mundial, através do Programa de Apoio à Retomada do Desenvolvimento Econômico e Social do Rio Grande do Sul (ProRedes-BIRD), que possibilitou a implementação de uma série de iniciativas bem-sucedidas nas regiões. O programa, em um primeiro momento, focou em identificar os APLs, contribuir no planejamento estratégico das suas ações e apoiar a constituição de mecanismos de governança nos mesmos.

Na cadeia têxtil-vestuário, o programa teve sua experiência mais significativa com a formalização do APL “Polo de Moda da Serra Gaúcha”, com sede em Caxias do Sul¹⁹. Esse APL inclui 40 cidades da região, entre elas Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha e Gramado. O trabalho realizado a partir do programa estadual dos APLs resultou em uma forte articulação local, envolvendo os governos locais, as instituições representativas do setor privado, as universidades, instituições paraestatais, como o Sebrae e o Senai, e quase 1.900 empresas de todos os tamanhos (RIO GRANDE DO SUL, 2018, p. 16). O resultado foi a institucionalização de um esforço coletivo que passou a ser coordenado por uma organização já existente desde 2004, a “Associação Polo de Moda da Serra Gaúcha”. A partir desse arranjo institucional, o APL vem promovendo eventos, desfiles, seminários e *workshops*, além de protagonizar iniciativas voltadas para a agregação de valor e a ampliação da eficiência no âmbito do APL.

Um exemplo prático dos resultados dessa articulação foi a instalação, a partir de março de 2018, de uma Central de Criação Assistida por Computador (CAD) e Corte, um espaço equipado com “[...] máquina de corte automatizado com sucção, mesa de enfiesto com 13 metros de comprimento, máquina de enfiesto de tecido automática, *plotter* de 2,20 metros, sistema de modelagem *Waltcad* e mesa digitalizadora com precisão para digitalização de moldes” (POLO DE MODA DA SERRA GAÚCHA, 2018, *online*), que são utilizados pelas pequenas e médias empresas associadas ao Polo. Com isso, reduzem-se custos de produção através do compartilhamento de equipamentos que, de outra forma, seriam inacessíveis para as empresas menores. Nos seus primeiros 10 meses de atuação, a Central atendeu a 41 empresas, cortando 27.500 peças de confecção.

Além do Polo de Moda da Serra, o programa inclui também o APL de Moda do Norte Gaúcho, que agrupa empresas de 25 cidades daquela região, entre elas Passo Fundo, Marau, Soledade e Palmeira das Missões. Essa articulação não avançou tanto quanto o APL da Serra. O setor coureiro-calçadista do Vale do Sinos estava entre os primeiros identificados como objeto dessa política, uma vez que a região se constitui em um arranjo produtivo local na prática a partir da forte tradição do setor na região do Vale do Sinos e da presença de instituições de ensino e pesquisa na região (CALANDRO; CAMPOS, 2016). No entanto, apesar de algumas iniciativas e ações na virada do século, o APL calçadista terminou por não ser enquadrado formalmente no programa estadual, não estando, portanto, incorporado nessa política pública.

Além dessas políticas públicas de fomento, voltadas para promover exportações e implementar programas de suporte ao setor, praticamente todos os eventos promovidos pelo setor privado aqui citados foram financiados, ao menos parcialmente, por recursos públicos. É o caso da Eco Fashion Week, que é realizada com recursos da Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, assim como da RS Moda: Varejo e Indústria Conectados, que recebeu apoio da Secretaria de Desenvolvimento do Governo

¹⁹ Disponível em: <https://www.polodemoda.com.br/index.php>.



do Estado. Esse suporte financeiro e institucional contribui de forma decisiva na realização dos eventos, demonstrando, mais uma vez, a importância da sinergia entre as ações governamentais e privadas para o desenvolvimento da cadeia têxtil-vestuário.

Essa presença de instituições de ensino e pesquisa, capazes de prover conhecimento e mão de obra qualificada, assim como de políticas públicas de apoio e fomento por parte de governos locais, estadual e federal, possibilita a constituição de iniciativas potencializadoras das atividades econômicas da cadeia têxtil-vestuário. Essas iniciativas, arranjos institucionais constituídos de forma colaborativa, alinham os esforços do setor privado com o conhecimento técnico-científico das instituições de ensino e pesquisa e as políticas de fomento por parte do setor público.

Considerações finais

A breve reconstituição histórica e os dados quantitativos apresentados neste estudo sobre a sua configuração atual demonstram que a cadeia têxtil-vestuário é importante para o desempenho da economia gaúcha e tem potencial de retomada de um crescimento sustentável, embora tenha apresentado uma trajetória de declínio na última década. Essa cadeia tem uma presença histórica no Rio Grande do Sul e representa uma parcela importante da sua economia. Além disso, o tamanho do mercado brasileiro, a natureza dessa produção, de bens essenciais para a vida das pessoas, e a capacidade instalada no País permitem afirmar que seu potencial de crescimento pode ser retomado.

A partir da abertura comercial dos anos 90 e nas primeiras duas décadas do século atual, a cadeia da moda, no Rio Grande do Sul, utilizou um conjunto de estratégias para buscar maior competitividade. Essas estratégias tendiam a se basear em um conjunto de movimentos convencionais, relacionados com a redução de custos de produção, com a elevação da produtividade e com a demanda por políticas públicas de suporte. De um lado, essas estratégias envolviam a elevação da produtividade, através de investimentos em tecnologia e novos equipamentos; de outro, mudanças nas relações de trabalho, através de processos de flexibilização das normas trabalhistas, de subcontratação e terceirização. Além disso, foram adotadas também estratégias de realocação da produção, associadas ao oferecimento de incentivos fiscais por parte de outros estados. Por parte do comércio, essas estratégias envolviam também a busca de fornecedores internacionais, com preços mais competitivos, em detrimento da produção nacional.

Como se pode ver a partir dos dados apresentados, essas estratégias foram insuficientes para garantir o crescimento sustentado da cadeia da moda no Rio Grande do Sul. Pelo contrário, o que se viu foi uma tendência de estagnação, com a cadeia têxtil-vestuário apresentando uma evolução inferior à média do resto da economia nacional. Isoladamente, as estratégias adotadas podem ter obtido resultados positivos, como são os casos de uma fábrica que se deslocou para outro estado em busca de incentivos fiscais, ou de uma grande rede de varejo que ampliou a importação de confecções da China ou do Vietnã. No entanto, para a cadeia como um todo, fica evidente que essas estratégias individuais foram insuficientes para garantir a sua sustentabilidade, pois, via de regra, são mais acessíveis às grandes empresas. Nesses casos, os bons resultados de alguns dos atores resultam em uma fragilização do conjunto da cadeia, uma vez que acontecem à custa dos demais elos.



Os desafios do século XXI demandam que essas estratégias sejam substituídas e/ou complementadas por uma nova visão. A compreensão e o alinhamento dos atores da cadeia em torno dos conceitos de moda, através da incorporação da abordagem da economia criativa, podem contribuir para a agregação de valor à produção e permitir uma nova inserção dos produtos nos mercados local, nacional e internacional. Para isso, é fundamental que se compreendam as novas tendências do mercado e as novas demandas dos consumidores.

A mudança de paradigmas, através da incorporação das dimensões da sustentabilidade e do consumo consciente, pode ser uma chave para a construção de uma dinâmica de crescimento da cadeia. Essa visão já está presente, em grande medida, na cadeia têxtil-vestuário, pelo menos do ponto de vista da assimilação dos seus pressupostos. O desafio é transformar essa compreensão em um projeto articulado de alinhamento dos empreendedores com os valores e as novas demandas dos consumidores.

Essa mudança de paradigma implica a transição de um modelo de busca de competitividade, no qual a redução de custos trabalhistas e ambientais é priorizada, para outro mais sintonizado com as aspirações dos consumidores globais. É preciso reorientar as práticas produtivas e de mercado na direção de um modelo que busque agregar valor aos produtos, através da incorporação de inovação, criatividade e qualidade. Da mesma forma, esse novo modelo deve ter como ponto de partida a compreensão do valor da sustentabilidade ambiental, econômica e social como instrumento de conquista de mercados.

Essas mudanças dependem também de um alinhamento estratégico dos elos da cadeia e de articulação com o setor público e com as instituições de ensino e pesquisa. As estratégias de competitividade tradicionais precisam ser complementadas por uma abordagem que seja baseada no acúmulo de capital social (PUTNAM, 1996), ou seja, no fortalecimento da cooperação interinstitucional, que permita um esforço conjunto pelo fortalecimento do tecido social e econômico. Dessa forma, parece ser possível que a trajetória de recuo vivida nos últimos anos seja revertida e que o potencial de crescimento econômico, de geração de emprego e de melhoria da qualidade de vida seja aproveitado.

Esse potencial de geração de um círculo virtuoso depende, em grande medida, da disseminação de novos paradigmas e práticas de produção pelo conjunto da cadeia. A percepção já existente entre os especialistas e técnicos, nas instituições representativas do setor privado e entre as empresas líderes da cadeia, precisa chegar a um maior número possível de empresas, independentemente de seu tamanho. As novas demandas do mercado, relacionadas com os temas da sustentabilidade, da responsabilidade social, da diversidade, da inovação e da criatividade, são o caminho para uma reconfiguração da cadeia da moda no Estado. A abordagem da economia criativa, voltada para a agregação de valor e para a inovação, pode vir a ser um elemento importante no sentido de abrir perspectivas mais positivas para a cadeia têxtil-vestuário no Rio Grande do Sul.

Referências

AGÊNCIA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL (ABDI). **Estudo Prospectivo Setorial: Têxtil e Confecção**. Brasília, DF: ABDI, 2010. (Série Cadernos da Indústria, v. 18). Disponível em: <https://www.abit.org.br/adm/Arquivo/Servico/114216.pdf>. Acesso em: 1 set. 2020.

ALMEIDA, Mariana Dias de. **Moda Contemporânea e Sustentabilidade no Jeanswear**: Estudos de Caso. 2013. Dissertação (Mestrado em Design) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/89707?locale-attribute=es>. Acesso em: 13 dez. 2020.



ARAVANIS, Evangelia. A industrialização no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas da República: a organização da produção e as condições de trabalho (1889-1920). **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 2, n. 3, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2010v2n3p148>. Acesso em: 1 out. 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO (ABIT). **O poder da moda**: agenda de competitividade da indústria têxtil de confecção brasileira 2015-2018. São Paulo: ABIT, 2019. Disponível em: http://abit-files.abit.org.br/site/publicacoes/Poder_moda-cartilhabx.pdf. Acesso em 10 mar. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS (ABICALÇADOS). **Relatório Setorial Indústria de Calçados Brasil 2020**. Novo Hamburgo: ABICALÇADOS, 2020. Disponível em: <http://abicalcados.com.br/publicacoes/relatorio-setorial>. Acesso em: 18 dez. 2020.

BENDER, Ana Regina. **Inovação orientada pelo design**: o caso da indústria de confecção de artigos do vestuário no Rio Grande do Sul. 2010. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp149665.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2017.

C&A FOUNDATION. **Anual Report 2014**. Zug: Candafoundation, 2015. Disponível em: <https://annualreport.candafoundation.org/2014/cover>. Acesso em: 10 dez. 2020.

C&A FOUNDATION. **Anual Report 2019**. Zug: Candafoundation, 2020. Disponível em: <https://annualreport.candafoundation.org/2019/cover>. Acesso em: 10 dez. 2020.

CALANDRO, Maria Lucrécia; CAMPOS, Maria Sílvia Horst. APL Calçadista Sinos-Paranhana: o segmento de calçados de alto valor agregado. In: MACADAR, Beky Moron de; COSTA, Rodrigo Morem da (org.). **Aglomerções e Arranjos Produtivos Locais no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FEE, 2016. Disponível em: <https://arquivo-fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2016/11/20161109livro-apls-aglomeracoes-e-arranjos-produtivo-locais-no-rio-grande-do-sul.compressed.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2021.

CARRARO, André; LINHARES, Suamy Savaris. Análise Setorial do Impacto da Política dos APLs no Rio Grande do Sul. **Interações (Campo Grande)**, Campo Grande, v. 19, n. 3, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1518-70122018000300597&script=sci_arttext. Acesso em: 4 ago. 2020.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (Brasil) (CNI). **Economia Circular**: caminho estratégico para a indústria brasileira. Brasília, DF: CNI, 2019. Disponível em: https://static.portaldaindustria.com.br/media/filer_public/bd/3f/bd3f2589-ed8c-43ad-ab33-b75a370ef66b/economia_circular.pdf. Acesso em: 3 ago. 2020.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (Brasil) (CNI). **Economia Circular**: oportunidades e desafios para a indústria brasileira. Brasília, DF: CNI, 2018. Disponível em: https://static.portaldaindustria.com.br/media/filer_public/2f/45/2f4521b9-d1eb-44f7-b501-cda01254738a/miolo_economia_circular_pt_web.pdf. Acesso em: 11 jan. 2021.

CONTRI, André Luís. **Considerações sobre a evolução industrial brasileira e o parque industrial gaúcho, 2002-2020**. Porto Alegre: SPGG-DEE, 2021.

COSTA Achyles Barcelos; CONTE, Nelton Carlos; CONTE, Valquíria Carbonera. A China na cadeia têxtil – vestuário: impactos após a abertura do comércio brasileiro ao mercado mundial e do final dos Acordos Multifibras (AMV) e Têxtil Vestuário (ATV). **Teoria e Evidência Econômica**, Passo Fundo, ano 19, n. 40, p. 9-44, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.seer.upf.br/index.php/rtee/article/view/3442>. Acesso em: 12 mar. 2021.

DAHEIM, Cornelia; NOZARZEWSKY, Norbert; PRENDERGAST, Jessica; SCHOON, Christian. **The Future of Sustainability in the Fashion Industry**. Zug: C&A Foundation, 2020. Disponível em: <https://candafoundation.org/en/news/pdf/future-sustainability-fashion-industry-delphi-final-report-futureimpacts-ca-2019-v7.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2020.

ESTADÃO. **Empresas mais 2019**. São Paulo: Estadão, 2019. Disponível em: <https://publicacoes.estadão.com.br/empresasmais2019/>. Acesso em: 5 dez. 2020.



FASHION REVOLUTION. **Fashion Revolution Brazil**. [S. l.]: Fashion Revolution, 2021. Disponível em: <https://www.fashionrevolution.org/south-america/brazil/>. Acesso em: 12 mar. 2021.

FERNANDES, Rafaela Neiva. Por trás dos panos: o trabalho escravo no setor têxtil brasileiro e a responsabilização jurídica das grifes. **Boletim Científico ESMPU**, Brasília, DF, ano 18, n. 53, p. 233-258, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://escola.mpu.mp.br/publicacoes/boletim-cientifico/edicoes-do-boletim/boletim-cientifico-n-53-janeiro-junho-2019/por-tras-dos-panos-o-trabalho-escravo-no-setor-textil-brasileiro-e-a-responsabilizacao-juridica-das-grifes>. Acesso em: 10 mar. 2021.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Os fios da memória: a fábrica Rheingantz entre passado, presente e patrimônio. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 39, jan./jun. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832013000100004. Acesso em: 15 jun. 2020.

GOLLO, Silvana Saionara; SETUBAL, Jefferson Bernal; CRUZ, Cassiana Maris Lima. Competitividade da cadeia produtiva de confecções de Sarandi - RS: estudo exploratório em nível organizacional. **Teoria e Evidência Econômica**, Passo Fundo, ano 15, n. 33, p. 133-162, jul./dez. 2009. Disponível em: seer.upf.br/index.php/rtee/article/download/4276/2768. Acesso em: 5 fev. 2018.

GORINI, Ana Paula Fontenelle. Panorama do setor têxtil no Brasil e no mundo: reestruturação e perspectivas. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n.12 p. 17-50, set. 2000. Disponível em: https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/3226/2/BS%2012%20Panorama%20do%20Setor%20T%C3%AAxtil%20no%20Brasil%20e%20no%20Mundo_P.pdf. Acesso em: 14 out. 2020.

GRENDENE. **Relatório de Sustentabilidade 2019**. [Farroupilha, RS: Grendene, 2019]. Disponível em: <http://www.grendene.com.br/sustentabilidade/pdfs/PDFpt/Relatorio%20de%20Sustentabilidade%202019.pdf>. Acesso em: 13 out. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cadastro Central de Empresas 2018**. [Rio de Janeiro]: IBGE, 2020. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/cempre/quadros/brasil/2018>. Acesso em: 18 jun. 2020.

INSTITUTO C&A. **Nossa História**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.institutocea.org.br/nossa-historia>. Acesso em: 13 out. 2020.

INSTITUTO LOJAS RENNEN. **O Instituto**. [S. l.], 2020. Disponível em: https://www.institutolojasrenner.org.br/pt_br/instituto/instituto. Acesso em: 14 out. 2020.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **ILO Meeting Targets Sweatshops in Footwear, Textiles and Clothing; Adopts Resolution on Child Labour**. [S. l.]: ILO, 1996.

LASCHUK, Tatiana; RÜTHSCHILLING, Evelise Anicet. A evolução da indústria têxtil do Rio Grande do Sul sob o ponto de vista técnico, tecnológico e mercadológico. In: COLÓQUIO DE MODA, 10.; CONGRESSO BRASILEIRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA, 1., 2014, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: [s. n.], 2014. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202014/ARTIGOS-DE-GT/GT04-DESIGN-E-PROCESSOS-DE-PRODUCAO-EM-MODA/GT-4-A-EVOLUCAO-DA-INDUSTRIA-TEXTIL-DO-RIO-GRANDE-DO-SUL.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2020.

OLIVEIRA, Bruno Abrantes de. **O setor de moda brasileiro: o caso do Instituto Rio Moda**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica UFRJ, 2017. Disponível em: <http://monografias.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10020444.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2021.

PICCININI, Valmiria Carolina; OLIVEIRA, Sidinei Rocha; FONTOURA, Daniele dos Santos. Setor têxtil-vestuário do Rio Grande do Sul: impactos da inovação e da flexibilização do trabalho. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 355-376, out. 2006. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/download/2122/2505>. Acesso em: 5 fev. 2018.

PINHEIRO, Cristiano Max Pereira; BARTH, Maurício. **Indústrias criativas**. Novo Hamburgo: Feevale, 2016.



- POLO DE MODA DA SERRA GAÚCHA. **Central de CAD e Corte do Polo de Moda atende 40 empresas em 10 meses de operação.** Caxias do Sul: Polo de Moda da Serra Gaúcha, 2018. Disponível em: https://polodemoda.com.br/noticias_int.php?id=119. Acesso em: 1 set. 2020.
- POLO DE MODA DA SERRA GAÚCHA. **Informe setorial 2019.** Caxias do Sul: Polo de Moda da Serra Gaúcha, 2019. Disponível em: <https://www.polodemoda.com.br/UPLarquivos/28102019160700.pdf>. Acesso em: 1 set. 2020.
- PROGRAMA DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE MODA BRASILEIRA (Texbrasil). **TEXBRASIL.** São Paulo: ABIT, 2020. Disponível em: <http://texbrasil.com.br/pt/texbrasil/>. Acesso em: 1 set. 2020.
- PUTNAM, Robert. **Comunidade e Democracia:** a experiência da Itália moderna. São Paulo: FGV, 1996.
- QUARESMA, Débora M. M.; MOURA, Heloisa Tavares de. Design para a Sustentabilidade Ampla de Sistemas Produto-Serviço: estudo de caso de empresa de design de acessórios de moda em couro. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 66-91, 2016. Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/345>. Acesso em: 24 jun. 2020.
- RECH, Sandra Regina. **Cadeia produtiva da moda:** um modelo conceitual de análise da competitividade no elo confecção. 2006. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88623/235597.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- RECH, Sandra Regina. Estrutura da cadeia produtiva da moda. **ModaPalavra e-periódico**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 7-20, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/download/7565/5068/0>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- REICHEL, Heloísa J. **A Indústria Têxtil do Rio Grande do Sul:** 1910-1930. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1978.
- REICHEL, Heloísa J. A industrialização no Rio Grande do Sul na República Velha. *In:* DACANAL, José; GONZAGA, Sergius (org.). **RS: Economia e Política.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG). **Avaliação do Programa Estadual de Fortalecimento das Cadeias e Arranjos Produtivos Locais (APLs):** Relatório Técnico. Porto Alegre: SPGG, 2018. Disponível em: <https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201901/14121129-relatorio-avaliacao-apls.pdf> Acesso em: 25 nov. 2020.
- SANTORO, Maria Luiza Abel; MERLO, Marcia. Importação de têxteis no Brasil: um olhar sobre o mundo da moda. **Revista da FAE**, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 78-97, 2012. Disponível em: <https://revistafae.fae.edu/revistafae/issue/view/9>. Acesso em: 10 set. 2020.
- SCHERER, André; CAMPOS, Sílvia Horst. A competitividade da cadeia produtiva têxtil-vestuário do Rio Grande do Sul. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, 1996. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/viewFile/1210/1560>. Acesso em: 5 fev. 2018.
- SCHNEIDER, Ana Sofia; SCHEMES, Cláudia; ARAÚJO, Denise Castilhos. O consumidor de moda no Rio Grande do Sul: características e percepções. **ModaPalavra e-periódico**, Florianópolis, v. 2, n.3, p. 13-34, 2009.
- SILVESTRIN, Luisiane Evelise; TRICHES, Divanildo. **A análise do setor calçadista brasileiro e os reflexos das importações chinesas no período de 1994 a 2004.** [Caxias do Sul]: UCS, 2007. (Texto para discussão IPES/UCS, n. 025). Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/TD_IPES_25_ABRIL_20072.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.
- SUZIGAN, Wilson. **Indústria brasileira:** origem e desenvolvimento. São Paulo: Hucitec, 2000.
- TOLIPAN, Heloísa. **Senai Cetiqt cria núcleo de sustentabilidade e economia circular para apoiar o setor têxtil e de confecção.** [S. l.], 31 ago. 2020. Disponível em: <https://heloisatolipan.com.br/moda/senai-cetiqt-cria-nucleo-de-sustentabilidade-e-economia-circular-para-apoiar-o-setor-textil-e-de-confeccao/>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME (UNDP). **Creative Economy Report 2010:** A Feasible Development Option. New York: UNCTAD/UNDP, 2010.



UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME (UNDP). **Creative Economy Report Special Edition: Widening Local Development pathways**. Paris: United Nations/UNDP/UNESCO, 2013.

VOGT, Cláudio. **As origens da Indústria Gaúcha e o Setor têxtil**. 2003. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2794/000376559.pdf>. Acesso em: 17 set. 2020.



Apêndice

Quadro A.1

Lista das atividades econômicas incluídas na análise segundo a
Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE)

Fiação e tecelagem

- 13.1 Preparação e fiação de fibras têxteis
- 13.2 Tecelagem, exceto malha
- 13.3 Fabricação de tecidos de malha
- 13.4 Acabamentos em fios, tecidos e artefatos têxteis
- 13.51-1 Fabricação de artefatos têxteis para uso doméstico
- 13.54-5 Fabricação de tecidos especiais, inclusive artefatos
- 13.59-6 Fabricação de outros produtos têxteis não especificados

Confecção

- 14.11-8 Confecção de roupas íntimas
- 14.12-6 Confecção de peças do vestuário, exceto roupas íntimas
- 14.13-4 Confecção de roupas profissionais e de proteção
- 14.14-2 Fabricação de acessórios, exceto para segurança e proteção
- 14.2 Fabricação de artigos de malharia e tricotagem

Couro e calçado

- 15.1 Curtimento e outras preparações de couro
- 15.2 Fabricação de artigos para viagem e de artefatos diversos de couro
- 15.3 Fabricação de calçados
- 15.4 Fabricação de partes para calçados, de qualquer material

Comércio

- 46.16-8 Representantes comerciais e agentes de têxteis, vestuário, calçados e artigos de viagem
- 46.41-9 Comércio atacadista de tecidos, artefatos de tecidos e de armarinho
- 46.42-7 Comércio atacadista de artigos do vestuário e acessórios
- 46.43-5 Comércio atacadista de calçados e artigos de viagem
- 47.55-5 Comércio varejista especializado de tecidos e artigos de cama, mesa e banho
- 47.81-4 Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios
- 47.82-2 Comércio varejista de calçados e artigos de viagem
- 47.85-7 Comércio varejista de artigos usados



Quadro A.2

Estudos internacionais sobre os temas da sustentabilidade e do consumo consciente

- ANDERSSON, Johanna *et al.* **Is Apparel Manufacturing Coming Home?** Nearshoring, automatization and sustainability - establishing a demand-focused apparel value chain. [S. l.]: McKinsey&Company, 2018. Disponível em: https://www.mckinsey.com/~media/mckinsey/industries/retail/our%20insights/is%20apparel%20manufacturing%20coming%20home/is-apparel-manufacturing-coming-home_vf.ashx.
- ATKEARNEY. **Social innovation offers five golden opportunities to the apparel industry.** [Germany]: Atkearney, 2017. Disponível em: <https://www.atkearney.de/social-impact/article/?/a/social-innovation-offers-five-golden-opportunities-to-the-apparel-industry-article>.
- BUCHEL, Sophie; ROORDA, Chris; SCHIPPER, Karlijn; LOORBACH, Derk. **The Transition to Good Fashion.** Rotterdam: Drift for Transition, 2018. Disponível em: https://drift.eur.nl/wp-content/uploads/2018/11/FINAL_report.pdf.
- C&A FOUNDATION. **Annual Report.** Zug: Candafoundation, 2018. Disponível em: <https://annualreport.candafoundation.org/2018/cover>.
- C&A FOUNDATION. **Annual Report: Circular Fashion.** Zug: Candafoundation, 2017. Disponível em: https://annualreport.candafoundation.org/2017/circular_fashion.
- CALIGUIRE, Daria. **Advancing Human Rights Accountability for Economic Actors: An Introductory Field Guide for Funders.** [S. l.]: SAGE Fund, 2015. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/56e04646f699bb070acdb6f3/t/57349cf759827e3bcf0193e0/1463065848602/advancing+Human+Rights+Accountability+for+Economic+Actors_Jan+2015.pdf.
- CSANÁK, Edit. **Eco-Friendly Concepts and Ethical Movements in the Fashion Industry.** In: INTERNATIONAL TEXTILE, CLOTHING & DESIGN CONFERENCE, 7., 2014, Dubrovnik. **Annals [...].** Dubrovnik: ITC&DC, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/8774978/ECO-FRIENDLY_CONCEPTS_AND_ETHICAL_MOVEMENTS_IN_THE_FASHION_INDUSTRY.
- DEWAR, James A. **Assumption-Based Planning: a tool for reducing avoidable surprises.** Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- DITTY, Sarah. **It's Time for a Fashion Revolution: White Paper.** Leek: Fashion Revolution, 2015. Disponível em: https://www.fashionrevolution.org/wp-content/uploads/2015/11/FashRev_Whitepaper_Dec2015_screen.pdf.
- DREW, Deborah; YEHOONME, Genevieve. **The Apparel Industry's Environmental Impact in Six Graphics.** Washington, DC: World Resources Institute, 2017. Disponível em: <https://www.wri.org/blog/2017/07/apparel-industrys-environmental-impact-6-graphics>.
- ELLEN MCARTHUR FOUNDATION. **A New Textile Economy: Redesigning Fashions Future.** [United Kingdom]: Ellen McArthur Foundation, 2017. Disponível em: https://www.ellenmacarthurfoundation.org/assets/downloads/publications/A-New-Textiles-Economy_Full-Report.pdf.
- FASHION FOR GOOD. **The Five Goods.** 2017. Disponível em: <https://d2be5ept72nvlo.cloudfront.net/2018/10/The-Five-Goods.pdf>.
- FORUM FOR THE FUTURE. **The Net Positive Concept.** 2018. Disponível em: <https://www.forumforthefuture.org/net-positive>.
- FORUM FOR THE FUTURE; C&A FOUNDATION; UAL LONDON COLLEGE OF FASHION; CENTRE FOR SUSTAINABLE FASHION. **Fashion Futures 2030.** 2019. Disponível em: <http://www.fashionfutures2030.com/scenarios/home>.
- FUTURES COLAB. **Broadening the Dialogue: Exploring Alternative Futures to Inform Climate Action.** San Francisco: ClimateWorks Foundation, 2018. Disponível em: <https://www.climateworks.org/wp-content/uploads/2018/11/cwf-futures-colab-broadening-the-dialogue-alternative-futures.pdf>.
- GLOBAL FASHION AGENDA. **2020 Circular Fashion System Commitment.** Copenhagen: Global Fashion Agenda, 2018. Disponível em: <https://www.globalfashionagenda.com/wp-content/uploads/2018/07/2020-Commitment-year-one-status-report.pdf>.
- GLOBAL FASHION AGENDA; BOSTON CONSULTING GROUP. **Pulse of the Fashion Industry.** Copenhagen: Global Fashion Agenda, 2018. Disponível em: <https://www.globalfashionagenda.com/initiatives/pulse/#>.



GLOBESCAN; C&A FOUNDATION. **Circular Production and Consumption in Fashion and Beyond**. [S. l.]: GlobeScan, 2019. Disponível em: https://globescan.com/wp-content/uploads/2019/04/GlobeScan_CA_Foundation_SDG_Leadership_Forum_Goal_12_Report_March2019.pdf.

HOLLENDER, Jeffrey. **Net Positive: The Future of Sustainable Business**. Stanford: SSIR, 2015. Disponível em: https://ssir.org/articles/entry/net_positive_the_future_of_sustainable_business.

INTERNATIONAL LABOR RIGHTS FORUM. **Future of Fashion: Worker-Led Strategies for Corporate Accountability in the Global Apparel Industry**. Washington, DC: ILRF, 2019. Disponível em: https://laborrights.org/sites/default/files/publications/Future_of_Fashion_ILRF.pdf.

KARAOSMAN, Hakan; MORALES, Gustavo; BRUN, Alessandro. From a Systematic Literature Review to a Classification Framework: Sustainability Integration in Fashion Operations. **Sustainability**, [S. l.], v. 9, n. 1, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311955732_From_a_Systematic_Literature_Review_to_a_Classification_Framework_Sustainability_Integration_in_Fashion_Operations.

LOORBACH, Derk. **Transition Management: New Mode of Governance for Sustainable Development**. Utrecht: Erasmus Universiteit Rotterdam, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/35149475_Transition_Management_New_Mode_of_Governance_for_Sustainable_Development.

MCKINSEY&COMPANY. **The State of Fashion 2019**. [S. l.]: McKinsey&Company, 2019. Disponível em: https://cdn.businessoffashion.com/reports/The_State_of_Fashion_2019.pdf.

NET POSITIVE PROJECT. **Helping business put back more than it takes out**. [S. l.]: Net Positive Project, 2019. Disponível em: <https://www.netpositiveproject.org/>.

NIINIMÄKI, Kirsi (ed.). **Sustainable Fashion: New Approaches**. Helsinki: Aalto University, 2013. Disponível em: <https://shop.aalto.fi/media/attachments/1ee80/SustainableFashion.pdf>.

ORIGAME; C&A FOUNDATION. **Governance for the Circular Economy: Leadership Observations**. [Netherlands]: Origame, 2018. Disponível em: <https://cirql.eu/download-request/>.

OUTDOOR INDUSTRY ASSOCIATION. Sustainability Working Group Higg Index FAQ. Boulder: Outdoor Industry Association, 2015. Disponível em: https://outdoorindustry.org/wp-content/uploads/2015/09/OIASWG_HiggIndexFAQ_20152.pdf.

SPREAD SUSTAINABLE LIFESTYLES 2050 PROJECT. **Emerging Visions for Future Sustainable Lifestyles**. [S. l.: s. n.], 2012. Disponível em: https://www.sustainable-lifestyles.eu/fileadmin/images/content/D3.2_PolicyBrief_SustainableLifestyles.pdf.

STOTZT, Lina; KANE, Gillian. **Global Garment Industry Factsheet**. [S. l.]: Clean Clothes Campaign, 2015. Disponível em: <https://cleanclothes.org/resources/publications/factsheets/general-factsheet-garment-industry-february-2015.pdf>.

THREDUP. **ThredUp 2019 Resale Report**. [S. l.]: ThredUp, 2019. Disponível em: <https://www.thredup.com/resale>.

VAN DER VELDEN, Natascha Maria. **Making Fashion Sustainable: The Role of Designers**. Haarlem: Delft University of Technology, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Nm_Van_Der_Velden/publication/311808029_Making_Fashion_Sustainable_-_The_Role_of_Designers_doctoral_thesis_Delft_University_of_Technology/links/58639e9108aebf17d397397b/Making-Fashion-Sustainable-The-Role-of-Designers-doctoral-thesis-Delft-University-of-Technology.pdf.

